



D. PEDRO V,

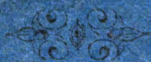
OU

O MOÇO VELHO.

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

Francisco Gaudêncio Sabbas da Costa.



PARANHÃO—1862.

IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DO FREAS;

RUA DA PALMA N. 7.

TRÜBNER & CO.,
60, Paternoster Row,
LONDON.

11726. ad. 29.

x

1726

D. PEDRO V.

OU

O MOÇO VELHO.

Drama em 5 actos

POR

Francisco Gaudencio Sabbas da Costa,

AUCTOR DO DRAMA

Francisco II ou a liberdade d'Italia.



MARANHÃO—1862.

IMPRESSO NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DO **FREYAS,**
RUA DA PALMA, N.º 7.



α

Sua Magestade Fidelissima o Senhor

D. LUIZ I,

REI DE PORTUGAL,

PELA SENTIDISSIMA MORTE DE SEU MUITO AMADO

IRMÃO O SENHOR

D. PEDRO V.

DE GLORIOSA MEMORIA.

O. C. D.

O BRAZILEIRO

Francisco Gaudencio Sabbas da Costa.

PERSONAGENS.

D. PEDRO V,	<i>Rei de Portugal.</i>
D. FERNANDO,	<i>Pai do rei.</i>
LUIZ DE SOUZA,	<i>Camarista de El-rei.</i>
JOÃO DE MASCARENHAS,	<i>Dito.</i>
D. BEATRIZ	<i>Filha de Mascarenhas.</i>
FERNANDO DE MENDONÇA	<i>Coronel.</i>
D. LEONOR,	<i>Filha de Mendonça.</i>
ANTONIO DE AVILAR,	<i>Camarista d'El-rei.</i>
ALVARO GONÇALVES,	<i>Dito.</i>
D. JOSÉ SALAMANCA,	<i>Cavalleiro hespanhol.</i>
1º HOMEM DO POVO.	
2º DITO	DITO.
1ª MULHER	DITO.
2ª DITA	DITO.
CORTE REAL,	<i>Enfermo do hospital.</i>
UM DOENTE,	<i>Dito.</i>

Principes, Nuncio, Patriarcha, Ministros, Con-
selleiros de Estado, Diplomatas, Fidalgos, Damas,
Medicos, Generaes, soldados, enfermeiros creados
e povo.

A scena passa-se em Lisboa de 1855 á 1861.

No ultimo acto as personagens que figurão, es-
tão de luto do principe D. Fernando.

ACTO PRIMEIRO.

A COROÇÃO.

Sola regia no palacio das Necessidades de Lisboa com o throno no fundo, entre duas arcadas que deixão ver outras salas e longas galerias. É dia.

Scena I.

Alvaro, Mascarenhas, e cortesãos que conversam e passeam, trazendo damas da corte pelos braços, e formam grupos em diversos lugares da scena. Ouve-se musica, e Alvaro e Mascarenhas estão na baixa scena.

ALVARO.

Nova era de felicidade raia neste dia para os portuguezes. A nossa historia gloriosa, mais um grande tropheo terá, a nação tendo como rei um jovem, que pelo saber e talento muito promette a Portugal.

MASCARENHAS.

Prevejo que outros destinos vai ter a patria de tantos heróes. O nosso novo Rei, o Senhor D. Pedro V, que deve ser corôado boje, ha de abrir na dynastia de Bragança os grandes e assignalados feitos dos tempos dos Borbons e Aviz; quando Portugal derrotando mouros e castelhanos, fez por toda parte, tremolarem triumphantes suas quinas

victoriosas. Os soldados portuguezes são invencíveis. Jamais no throno de D. João IV, restaurado pelo immortal João Pinto Ribeiro, intruzos reis hespanhoes hão de subir.

ALVARO.

Não se hão de lembrar os castelhanos, que sempre derrotados tem saído nos combates havidos contra os nossos soldados? A mesma altiva e opulenta França que Napoleão III fez exaltar-se ante os muros de Sebastopol, no tempo do grande Bonaparte, esse vencedor de tantas batalhas, que por vezes diversas venceu a Hespanha, tendo-se feito duque de Abrantes, governador de Portugal, o general, Junot não se viu obrigada a abandonar o territorio portuguez com dezar para as tropas do vencedor d'Italia e d'Allemanha? Ney, Junot, e Mortier, tiverão com seus exercitos de recuar ante as nossas cohortes de bravos, que Arthur Wellesley commandava, quanto mais hoje, Mascarenhas, que serão portuguezes commandados pelos mesmos portuguezes, illustres generaes, Sá da Bandeira, duque da Terceira e duque de Saldanha! em quem, alem da pericia e tactica sóbra valentia.

MASCARENHAS.

Fallais, Sr. Alvaro Gonçalves, como um digno fidalgo portuguez. Esses tempos em que o dominio estrangeiro supplantava Portugal, ja passaram, e se a má sorte os tornar a trazer, só nos resta lançar mão das armas, de que se serviram os conjurados,

no dia 1º de dezembro de 1640, de immorredora memoria para os portuguezes, libertados do jugo de Castella. Grande será esse dia, como magestoso foi aquelle, em que o sol da liberdade brilhou sobre os destroços da monarchia intruza, estrangulada pelos que tinham no peito o amor da patria e no pulso a força da justiça da causa que iam defender.

ALVARO.

É assim que devemos obrar. O jugo de um rei estrangeiro é mil vezes mais duro de supportar que a morte. Hoje sóbe ao throno luzitano, o Rei legitimo, e longe de Portugal, o ex-infante D. Miguel sentirá o estrebuxar de seus partidarios, o morrer de suas mais doces esperanças.

Scena II.

Alvaro, Mascarenhas, Cavalheiros, Damas, e Avilar.

AVILAR.

(Junto de um grupo ao lado do throno.) Por Deus! Lisboa hoje encanta a todos! *(Conversa com o grupo.)*

MASCARENHAS.

(Para Alvaro.) Como me alegro de vos ouvir fallar essa linguagem dos tempos que já lá vão! Se Deus nos conceder que o neto do duque de Bragança D. Pedro IV, reine por longos annos, entre

nós, com o genio d'aquelle libertador do Brazil e com a esmerada educação que lhe soube prodigalizar a nossa nunca assaz chorada D. Maria II, a terra decantada por Camões, ainda será respeitada. D'entre os portuguezes surgirão ainda novos Gamas, Cabraes e Albuquerque, para descobrirem praias ignotas e terras incultas, ao povo da velha Europa. Poetas não nos faltarão para fazerem poemas em louvor dos nossos feitos; Almeida Garret, a quem as muzas protegem, será o nosso Camões do seculo. Sr. Alvaro Gonçalves. Portugal nos mappas das nações occupa o ultimo lugar devido aos desmandos dos seus governos, mas nutrimos a esperanza de que esta decadencia terá fim. Fomos conquistadores, e quem sabe se nos não pretendem conquistar? Portugal! Portugal! Terás um Rei que fará florescer teus prados, fertelizar teus campos, dar vida a tua lavoura, animação ao commercio, protecção ás letras, engrandecendo o Estado, enriquecendo a Nação! Ainda serás grande, como grande já foste.

AVILAR.

(Dirigindo-se para Alvares e Mascarenhas.)
Ainda Portugal ha de ser grande e poderoso, Sr. João de Mascarenhas.

MASCARENHAS.

Talvez, Sr. Antonio de Avilar, novas phases de gloriosos feitos, no futuro estejam reservadas para nossa patria, para a patria de D. João de Castro. O vosso D. Miguel. . .

AVILAR.

Já o mandei ao diabo, não sou mais miguelista.

MASCARENHAS.

Folgo muito de ouvir essa linguagem, esse arre-
negar de passado erroneo

AVILAR.

Abjuração de politica.

ALVARO.

Perdestes, Sr. Avilar, a esperanza de elevar o
traidor, o falso, o perjuro D. Miguel, ao throno
portuguez? Confessai, Sr. Antonio de Avilar, que
mais sangue derramou o vosso amado D. Miguel no
curto tempo que durou a sua usurpação do que
perdeo Portugal, na sua independencia.

AVILAR.

(*Hypocritamente.*) Deus, a quem promette, não
falta. O premio que adquirio o ex-infante D. Mi-
guel, é andar errante, sem patria, pelas terras es-
tranhas. Mas, Srs., D. Pedro V, deve acabar com
os males medrados na famoza batalha de Alcacer-
quibir, aonde D. Sebastião morreu, deixando no
throno D. Affonso, velho e cansado, que pedira do
papa licença para casar-se, sendo elle cardeal! O
throno portuguez sem herdeiro, D. Antonio, prior
do Crato, quiz substituir ao rei cardeal, mas Philip-
pe de Hespanha, pela traição e suborno, conseguiu
subir ao thronoportuguez, cujo reinado e os dos do-

is Filippes, seus filhos, supportára Portugal 60 annos ! Outro tanto não acontecerá agora; o duque de Bragança D. Pedro IV, deixou vergontas que produziram Reis para o throno portuguez. D. Pedro V, empunha hoje o sceptro que seus avós com saber e gloria empunharam, e jamais a corôa portugueza cairá nas mãos de estrangeiros, de usurpadores como . . . D. Miguel.

Scena III.

Ditos, Luiz e D. Leonor.

LUIZ.

(*Conversando a passeiar com D. Leonor pelo braço.*) Estais mais bella do que a rosa de Alexandria, do que sempre, se é possível. Acreditai na veracidade de minhas palavras.

D. LEONOR.

Sois um seductor, Sr. Luiz de Souza, o mesmo deveis dizer a D. Beatriz Mascarenhas, a quem tributais homenagem.

AVILAR.

(*Para Alvaro e Mascarenhas.*) Acreditai, Srs., é aquelle o Sr. Luiz de Souza, jovem fidalgo, ultimo dos Tavoras que vive, por ter seu avô escapado ao illustre marquez de Pombal, Vêde! Elle não perde o seu tempo. Ouvi dizer que se tornára inimigo de D. Pedro IV, por ter mandado tirar, do pedes-

tal da estatua de D. José I, os brazões da municipalidade, e collocar o busto de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal. Conduz a filha do coronel Fernandes de Mendonça, que é hoje a belleza da corte! Vêde, Sr. Alvaro, como elle se mostra cavalheiro e cortezão para seduzir a innocencia incauta aos tramas dos seductores, e libertinos. Tenho medo que o halito daquella serpente faça murchar a flor dos Mendonças.

Luz.

(*Para D. Leonor a passeiar.*) El-Rei deve casar-se, e certamente as damas de honor de sua amada mãe, devem ser as mesmas de sua futura consorte. Vós, D. Leonor de Mendonça, que contaes 22 annos. já muito brilhaes na corte de D. Maria II, ainda deveis realçar junto á esposa de D. Pedro V.

D. LEONOR.

Não concebo esperanças que em nada me podem felicitar. De mais sei da intriga que cerca o throno e detesto os calumniadores, que depõem contra a consciencia e contra a verdade.

MASCARENHAS.

A côrte, D. Leonor, vós bem sabeis o que vale. Ella fascina e seduz, mas não offerece nada que possa compensar o sacrificio da etiqueta; mas quando se é amada e querida como fostes, pela nossa infeliz Rainha D. Maria II, então as scenas mudam-se e com ellas as vaidades da corte. Se El-Rei tomar es-

tao como a nação deve exigir, ainda tereis de ser como já fostes, o amparo dos desvalidos, que nunca de balde recorreram a vós. De novo sereis o anjo da pobreza.

AVILAR.

Se as vossas acções fõrem como a vossa belleza, por certo que . . .

D. LEONOR.

(*Interrompendo-o.*) Sr. Antonio de Avilar, permiti que não acceite este requembro de coqueteria, as vossas galantarias me incommodam.

LUIZ.

(*Dando o braço a D. Leonor.*) Continuemos D. Leonor, o nosso passeio. (*Param em frente do throno.*)

AVILAR.

(*A parte.*) Mulher soberba, eu te hei de abater.

LUIZ.

Eis o throno que a Hespanha ambiciona, e que D. Miguel cubrio de farrapos tintos de sangue. Felizmente não o havemos de ter mais como rei, e se empolgasse de novo o luso throno, não restaria em Portugal mais que ruínas e destroços.

AVILAR.

Assim deve ser, Sr. Luiz de Souza. D. Miguel não será rei de Portugal, enquanto filhos de Ma-

ria II tivermos para herdarem a corôa de D. João VI. Portugal restaurado pelo duque de Bragança, ex-imperador do Brazil, de gloriosa memoria, não supportaria novos usurpadores como . . . como D. Miguel.

LUIZ.

Que oiço! Sois vós, Sr. Avilar, que fallais assim! Já renegastes o vosso rei e Sr. D. Miguel? Vós, que combatestes em prol desse tyranno. Vós, o homem que na luta mais se distinguio como fanatico miguelista! . . . Vós, a quem a espada do coronel Fernando de Mendonça ferio no meio da pelleja! Que mudança! Já arrenegastes de principios e sois camarista de D. Pedro V, como fostes de D. Fernando o Rei! Meu Deus! o melhor gentilhomem de D. Miguel é hoje o mais fiel servidor dos adversarios daquelle tyranno.

AVILAR.

Exprobais-me, Sr. Luiz de Souza, em presença dos nobres que nos ouvem, e esquecestes o lugar em que estamos. Eu bem vos podia responder, mas melitam em meu favor a idade e a prudencia. Talvez vos venhaes a arrepender de tudo quanto me dissestes. Quem ignora que eu era miguelista, só porque desejava no throno portuguez, um portuguez. Hoje é um verdadeiro filho de Portugal que sóbe ao throno, não vejo porque conservar as fleugmas contra a monarchia dos descendentes de D. Pedro IV! D. Leonor de Mendonça, vêdes que a minha idade avançada, que os meus 53 annos. . . .

D. LEONOR.

(*Interrompendo-o.*) Ainda vos dá pretensões
irrisórias.

AVILAR.

(*Disfarçando a raiva.*) A fraqueza humana é
assim! Fragil humanidade! Um pouco de pó que
o espirito reanima para tornar-se vaidosa, como
uma moça bonita.

Scena IV.

Ditos e D. Salamanca.

SALAMANCA.

Deus salve as nobres damas, e a vós, Srs. cava-
lheiros.

MASCARENHAS.

Bem vindo sejais, Sr. Salamanca.

SALAMANCA.

Estou encantado da vossa Lisboa! É um céu
aberto! Um verdadeiro paraizo.

AVILAR.

(*Para D. Leonor.*) Eis um dos seus anjos.

D. LEONOR.

Senhor camarista!

SALAMANCA.

Deixai, D. Leonor de Mendonça, que o Sr. An-
tonio de Avilar, diga a verdade.

ALVARO.

D. Leonor sabe quanto vale.

SALAMANCA.

Ainda bem. Por Deos que este dia alegra a todos! O povo agglomera-se radiante de prazer ás portas do Paço e o contentamento se assoma em todos os semblantes. Não parece aquelle povo guerreiro que tantas façanhas e bravuras ha feito.

AVILAR.

É o mesmo, Sr. Salamanca. Os portuguezes, cantão, danção e riem-se, quando veem a nação feliz. Ha tresentos annos justamente, os portuguezes cantaram victorias sobre os mouros, derrotando suas esquadras e acabando com o cerco de Dio.

LUIZ.

Ha tresentos annos, Sr. Antonio de Avilar, D. Miguel da Silva, bispo de Vizeu, secretamente negociou em Roma os segredos do gabinete do seu Rei e Senhor, pelo barrete de cardeal.

AVILAR.

Ha dusetos annos os hollandezes forão expulsos do Brazil, depois da victoria que tiverão os portuguezes em Pernambuco. Ha dusetos e quinze annos, teve lugar a restauração de Portugal.

LUIZ.

Tendes uma memoria feliz, Sr. Avilar. Haveis de vos lembrar das vossas derrotas miguelistas?!

As scenas passadas então, muito vos interneceram. Bem pequeno era eu, mas meu pai suppria a minha idade, contando-me os feitos de prodigio do duque de Bragança, sobre as tropas, do seu irmão, o traidor D. Miguel. Deveis ter em memoria essas epochas de ludibrio para os vossos, ao vêrem fugir a bordo do Stag, nas praias de Sines, apedrejado e amaldiçoado do povo, o vosso rei, por quem combatieis então. Nesse mesmo dia, Sr. Salamanca, o infante D. Carlos de Hespanha, no navio inglez Donegal, deixava a Aldeia Gallega. Por certo que bem frescos estarão em vossos olhos, o quadro em que entrastes. Srs., D. Miguel depois de ter deposto as armas, e entregue o seu exercito, composto de quinze mil homens, em Genova protesta, contra a convenção que fizera em Evora Monte, ao abandonar seus soldados á sorte dos vencidos! Novo protesto faz hoje do throno portuguez, por que se vai coroar D. Pedro V!

AVILAR.

(*A parte.*) Luiz de Souza, tu me pagarás com uzura tantas affrontas. (*Alto.*) Estais a par dos acontecimentos modernos, Sr. Luiz de Souza, como se elles se desenvolvessem a vossos olhos!

ALVARO.

E qual é o portuguez que não sabe a historia do seu paiz? (*Ouve-se musica marcial fóra.*)

MASCARENHAS.

Por Deus! É El-Rei que vai partir. Vamos, senhores, não sinta o soberano a nossa falta.

Luiz.

(Dando o braço a D. Leonor.) Partamos D. Leonor.

VOZES FÓRA.

Viva el-Rei! Viva D. Pedro V! Viva!

Scena V.

Avilar (Só).

Luiz de Souza, jovem inexperiente, que pizastes a serpente, sem vêres que ella te podia morder. Não reflectistes no risco que corrias, insultando a um miguelista no que tem elle de mais caro neste mundo, o seu rei D. Miguel! D. Miguel, que longe de sua patria, do seu throno, do seu povo, só pensa em Portugal, como um pai desvellado em seu filho! Corte Real, nosso secreto emissario, partiu hoje levando ao rei desthronado, a nova da coroação de Pedro V, veremos como recebe o meu senhor D. Miguel esta fatal noticia. Protestará sollemnemente á face da Europa contra o roubo que lhe fazem da corôa portugueza. Com a hypocrisia que nos paços é mui vulgar, tenho sabido encartar-me nos animos dos soberanos e já sou confidente de D. Pedro V, que vai sagrar-se neste momento. D. Leonor odeia-me, como seu pai; mas a minha fortuna e a posição que occupo, bem valem o esquecimento do passado. Ainda me restão meios para obrigar D. Leonor a ceder de seus caprichos e ser minha esposa. Se Fernando de Men-

donça regeitar o offerecimento que lhe fizer, Luiz de Souza deixará Lisbôa por muito tempo.

VOZES DE POVO.

(*Fora e ao longe.*) Viva El-Rei de Portugal!
Viva! Viva!

AVILAR.

Povo incauto, quem vos deu esse Rei? Se eu conseguir reintregar Portugal a D. Miguel, ai de vós, que o homem que matou Agostinho José Freire, quando hia a Belem receber a pasta de ministro, não trepidará em tirar a vida de outro qualquer para elevar o seu legitimo rei ao throno. Costa Cabral, a quem por ultimo fiz servir de meu instrumento, a quem o povo detesta, sagaz como a raposa, não penetrou nos meus planos e apesar da contra revolução e da patoleia, D. Miguel, ainda não pôde ser rei! A morte de D. Maria II, veiu ceifar por algum tempo as minhas esperanças quasi propicias! Costa Cabral, esse portuguez odiado por todos os portuguezes, não me pode servir mais: novo automato deve inspirar confiança. Se o duque de Saldanha triumphou do conde das Antas, eu saberei vencel-o, e pode em breve D. Miguel ser corôado em sua côrte. Ah! D. Miguel rei! eu serei outro Miguel de Vasconcellos, então certa será a minha vingança contra vós todos, inimigos da causa do meu rei e senhor! (*Para o throno.*) Throno de tantos nobres reis, que já Castella possuiu cam os seu Filippes, quando pertencerás ao teu legitimo soberano, o principe D. Miguel? ...

Scena VI.

Avilar e Mendonça.

MENDONÇA.

Vós aqui tão só, Sr. camarista, quando ao lado de vosso Rei devias estar !

AVILAR.

Partia agora mesmo; mas já que o acaso vos enviou a esta regia sala, já que o acaso nos uniu, deixar-me-hei ficar. Sr. Fernandes de Mendonça, vejo que também deixastes o Rei.

MENDONÇA.

O povo é muito, o calor no templo incommoda-me. As enfermidades adquiridas no campo da batalha, aonde já o acaso nos fez uma vez cruzar nossas espadas, Sr. Avilar, não me deixão bem preencher o real serviço.

AVILAR.

Sr. Fernandes de Mendonça, sêde meu amigo.

MENDONÇA.

Que linguagem é essa ?

AVILAR.

Admira-vos fallar assim um que foi vosso antagonista ?

MENDONÇA.

Esqueceste que minha espada!, dardejando a morte em seu gume, espadanou vossa sangue?

AVILAR.

Coronel, já não sou aquelle partidario exalta do, que batestes com valor, não, hoje sou fiel ao meu Rei o Sr. D. Pedro V, como já fui a seu pai D. Fernando Augusto, de duque Saxe Cobourgø Gotha.

MENDONÇA.

E de D. Miguel, um dos accuzados assassinos do marquez de Lolé, estribeiro-mór de seu pai. . . talvez porque fosse pedreiro livre, gente de quem os despotas tem medo como o ladrão da força.

AVILAR.

Como quizerdes. . . D. Miguel, não é mais o homem por quem pleiteio, não, hoje é D. Pedro V, meu amo e Senhor, por quem derramarei o meu sangue, e darei minha vida, se preciso for.

MENDONÇA.

(*Aparte.*) Hypocrita! Quem te crê? Infelizmente o Rei! . . . (*Alto.*) Continuai. . .

AVILAR.

[Mudei de pensar, porque já Portugal tem um Rei portuguez.

MENDONÇA.

D. Maria II, era brasileira. . .

AVILAR.

Extrangeira, embora seus paes fossem portuguezes; bem sabeis que é filha do Rio de Janeiro, e que o Brazil, seu proprio pai arrebatára de Portugal, tornando-o independente, e fazendo-se imperador.

MENDONÇA.

Então as virtudes e as boas acções da nossa infeliz Rainha D. Maria II. . .

AVILAR.

Eram dignas de serem admiradas e serviam para bem educar, como ella o fez, a seus filhos com 'tanto esmero, para governar um povo que é docil, quando é feliz, e terrivel quando desgraçado.

MENDONZA.

Eis porque insuflastes ao detestavel Costa Cabral a promover a revolução da patoleia, porque d'ella podias colher fructos de utilidade a vossa causa, e em resultado julgavas collocar no throno a D. Miguel. . . não é assim?

AVILAR.

Sr. coronel! . . .

MENDONÇA.

Tenho-vos estudado muito de perto, Sr. Avilar, não me podereis enganar.

AVILAR.

E ainda sois meu encarniçado inimigo? Esse

ódio não tem declinado? Recordai-vos Sr., que é melhor ser generoso do que vingativo.

MENDONÇA.

Tenho amortecido os odios, passado, mas não esquecido.

AVILAR.

E se eu vos offerecesse em troca da nossa aliança, a minha mão? . . .

MENDONÇA.

Explicai-vos. . . offereceis-me uma coisa que não sei para o que me podia servir. . .

AVILAR.

Se não me olhasses com tão máus olhos. . .

MENDONÇA.

Tendes consciencia d'isso?

AVILAR.

Quero crer. Antes me illudisse.

MENDONÇA.

Rompei o quadrado, Sr. Avilar, e saltei a praça, vamos, offerecestes-me a vossa mão, em troca de odios acabados. Não gasteis vosso tempo em tiroteios, fallai claro, o que pretendeis com a minha amisade.

AVILAR,

Sabeis, Sr. Mendonça, que a minha nobreza é de sangue; fortuna, tenho-a de mais. . .

MENDONÇA.

Impacientais-me! Dizei o que tendes a dizer.

AVILAR.

Peço-vos D. Leonor para minha espoza.

MENDONÇA.

Leonor! Minha filha?!...

AVILAR.

Sim Sr., D. Leonor de Mendonça.

MENDONÇA..

Vós! esposar-vos com Leonor! Com uma Mendonça!

AVILAR.

Esqueceste Sr., que D. Marianna de Mello, sobrinha do celebre marquez de Pombal, foi esposada com D. Luiz, um dos Tavoras, a quem o marquez tanto guerreava, decapitando os seus, em praça publica?

MENDONÇA.

E julgastes que o mesmo podia acontecer com-voscó? Dizei-me... D. Leonor vos ama?

AVILAR.

Qual é a mulher que não ama a qualquer homem rico e na minha posição?

MENDONÇA.

Sr. Avilar... fallo... se Leonor... se minha

filha vos ama... se vos auctorisou a dar este passo?

AVILAR.

Se quizerdes, ella serà minha.

MENDONÇA.

Nunca! . . .

AVILAR.

Quereis vê-la seduzida... abandonada? . . .

MENDONÇA.

Leonor seduzida! . . . Por quem?

AVILAR.

Por um fidalgo infame, que se quer tornar libertino na corte de El-Rei, por Luiz de Souza, da familia dos regecidas.

MENDONÇA.

Luiz de Souza! . . .

AVILAR.

Elle perderá essa casta e innocente mechina, e depois?

MENDONÇA.

(*Com colera.*) Calai-vos! De mais vos tenho ouvido (*sae*).

Scena VII.

Avilar (*só*).

Indomavel inimigo! Sempre aspero para com-

migo! Mal sabe o que preparo para sua filha! Elle que tema das iras e das vinganças de um miguelista, que não cortará estas barbas em quanto D. Miguel não for seu rei.

Scena VIII.

D. Leonor.

Felizmente estou só! Posso livre derramar meu pranto! Luiz de Souza é amado por D. Beatriz! D. Beatriz! Ella será amada por elle? Quem sabe? Então para que me illudes, Luiz de Souza? Como me deixas esperança de ser feliz contigo se não amas? E eu! Eu quanto te amo! Este amor é puro como o primeiro amor deve ser, porque foi a ti, Luiz de Souza, que meu coração escolheu! E suas promessas? seus juramentos? Ha pouco julgava-me feliz, senhora do seu coração, e D. Beatriz veiu, como o máo fado, arredar de mim essas illusorias felicidades que por momentos frui! D. Beatriz é grande e nobre! É filha de João de Mascarenhas, mordomo-mór e valido da corte. . . oh! e eu? Eu apenas tenho um pai velho, que só possui o nome dos Mendonças e a espada de fiel soldado.

Scena IX.

D. Leonor e Luiz.

Luiz.

Julgavas que me havias escapar, D. Leonor?

D. LEONOR.

Luiz, deixastes El-Rei?

LUIZ.

Não o fizestes primeiro?

D. LEONOR.

E D. Beatriz? . . .

LUIZ.

D. Beatriz é menos bella, menos gentil do que vós. D. Leonor. Vós não tendes rival na terra. Não é o amor que dita as minhas palavras, não D. Leonor, é a verdade que toda Lisboa reconhece.

D. LEONOR.

Porque seguistes-me?

LUIZ.

Não vos perdia de vista. Desapparecestes por entre as arcadas do templo e eu acompanhei-vos sempre, tomastes a direcção destas salas, segui-vos, mas chegastes primeiro, porque tive de occultar-me de Antonio de Avilar, que deixava esta sala, rosnando como um tigre engaiolado. Agora que estamos sós, dizei-me, D. Leonor, se me amais! Oh! não me deixeis engolfado na incerteza de possuir o vosso coração. Em nome de vosso pai, de vossa mãe, que do céu nos vê, dizei-me que me amas, que sereis minha!

D. LEONOR.

Fallai. . . Luiz de Souza, fallai. . . vossas pala-

vas filtram-se em minha alma, e como um balsa-
mo consolador curam as chagas que os ciúmes fi-
zeram em meu coração. . .

LUIZ.

Os ciúmes! Ah! D. Leonor, de que receias?

D. LEONOR.

De D. Beatriz!

LUIZ.

D. Beatriz! Ah! quanto vos illudis! D. Beatriz,
se me ama, não é amada por mim, porque eu só
vos amo, D. Leonor.

D. LEONOR.

Oh! deixai-me. . . El-Rei não póde tardar.

LUIZ.

D. Leonor, fazei ao ultimo dos descendentes dos
Tavoras feliz no mundo. . . dizei que me amais.

D. LEONOR.

(Com transporte.) Luiz de Souza, eu vos amo!

LUIZ.

(Com Leonor nos braços.) Leonor!

D. LEONOR.

Amo-te muito, Luiz de Souza! Sinto passos! . .
Alguem se a proxima. . . *(Fugindo-lhe dos braços.)*

LUIZ.

Oh! agora que venha a morte!

Scene X.

Ditos e Mendonça.

MENDONÇA.

Já quereis morrer, quando a felicidade acaba de sorrir para vós, que na primavera da vida ainda estais vigoroso ?

D. LEONOR.

Meu pai !

LUIZ.

Sr. coronel. ... (*Ouve-se musica marcial fóra e vivas.*)

VOZES DO POVO.

(*Fóra.*) Viva El-Rei D. Pedro V ! Viva ! Viva !

MENDONÇA.

(*Dando o braço a D. Leonor e partindo.*) Vamos, minha filha encontrar El-Rei.

Scena XI.

Luiz, (*só*)

Fernando de Mendonça, o colerico soldado, não se alterou vendo-me a sós com sua filha ! Meu Deus ! Elle nos protegerá ? Leonor levada de meus olhos para onde a vida lhe é indifferente ! Seu pai a conduzio ! oh ! quanto me custa separar-me

daquella que verdadeiramente amo! Sem Leonor a vida me seria pezada e insuportavel!

VOZES DO POVO.

(*Fora*) Viva D. Pedro V! Viva o Rei de Portugal!

LUIZ.

El-Rei aproxima-se! Luiz de Souza torna-te a-prazivel a todos que te são indifferentes. Mostra o riso a esses cuja existencia te forão desconhecidas. Alegra-te com o ruido da côrte que te incommoda e separa-te de Leonor de Mendonça. (*Vai ao fundo.*) Viva El-rei D. Pedro V.

TODOS.

Viva! Viva!

Scena XII.

O cortejo enrrta na sala regia. Os archeiros formão alas em roda da sala, na frente o Alferes mór traz desenrolado o estandarte real, apoz este Mascarenhas, conduzindo em uma salva o sceptro e a coroa, depois D. Pedro V com a manto real, a direita D. Fernando, seguem a estes o principe condestavel do reino, e o cardeal patriarcha, Fernando de Mendonça, Avillar. Alvaro, Salamanca, Leonor, Beatriz, ministros, damas, cavalleiros e povo.

D. FERNANDO.

A gloria de um pai, é vêr feliz seu filho, e do Rei, fazer ditoso seu povo.

PEDRO V.

Meu pai, sede o meu mentor.

D. FERNANDO.

Portuga Item intelligencia, que te podem aconselhar. Subi ao throno de vossa Mãi, e o sceptro não vos pese como a coroa de Carlos I. e de Luiz XVI. (*Pedro V. sobe ao throno o Patriarcha o coroa: elle recebe a coroa curvado e ergue-se com ella na cabeça.*)

PEDRO V.

Deus me guie e proteja.

D. FERNANDO.

Animo, meu filho, o Altissimo te illumine

TODOS.

Viva El-rei de Portugal! Viva! Viva!

(Ouve-se musica nas ante-salas e depois reina silencio. El-rei senta-se no throno com D. Fernando a esquerda; a direita do rei está de pé e com o estoque desenhainhado o principe condestavel do reino, a esquerda o alferes mór com a bandeira e ao pé deste o patriarcha, e Mascarenhas; os mais personagens collocão-se dos lados do throno. Os archeiros, ao passar o rei, abaixam as alabardas que só levantam quando elle se senta.

D. FERNANDO.

Senhores. Chegou o esperançoso dia da inauguração do reinado do meu sobre todos muito amado e presado filho, o Snr. D. Pedro V. Cumpro cheio de jubilio o dever de apresentar o augusto

principe no seio do povo portuguez para que perante elle preste o juramento determinado na carta constitucional da monarchia; e receba das minhas mãos o deposito sagrado que a lei me confiou até o dia de hoje. Senhores. Desempenhei o pesado encargo, a que não podia escusar-me, embora o considerasse superior ás minhas forças; tomei-o logo depois do golpe funestissimo, com que a divina providencia foi servida ferir-me no mais intimo da minha alma; porem senti-me animado do sincero desejo de concorrer para o bem e prosperidade do paiz a que me glorio de pertencer, e que nunca deixarei de considerar minha querida patria. Da indole com que a divina providencia dotou o principe que vos vai reger, e dos esforços empregados por sua augusta mãe, de saudosa memoria, e por mim, devo esperar que o Snr. D. Pedro V. merecerá sempre o amor e o respeito de seus subditos; que sua magestade será o primeiro mantenedor de seus foros e liberdades; que dentro da esphera das suas prerogativas constitucionaes concorrerá poderosamente para sustentar os direitos da nação na sua gloria e dignidade, promovendo o maior desenvolvimento da riqueza e fortuna publica; de que essencialmente depende o esplendor do throno. Taes são os meos votos e as minhas mais ardentes esperanças.

LUIZ.

Viva el-rei o Snr. D. Fernando.

TODOS.

Viva.

ALVARO.

Silencio, Senhores !

(El-rei ajoelha em uma almofada de velludo carmesim, quando o patriarcha, tambem de joelhos, lhe apresenta um missal com uma cruz em cima).

PEDRO V.

(Pondo a mão sobre o missal.) Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e promover o bem geral da nação, quanto em mim couber.—*(O patriarcha põe-lhe a coroa na cabeça, que elle recebe de joelhos, e Mascarenhas lhe entrega o sceptro, logo que se levanta)*

MASCARANHAS.

Real ! real ! por D. Pedro V. rei de Portugal !

TODOS.

Real ! real ! por D. Pedro V. rei de Portugal !
(ouvem-se repetir estas vozes fôra).

PEDRO V.

Senhores, chamado, pelo favor Divino e pela constituição da Monarchia, ao throno portuguez, devo significar nas primeiras palavras, que n'este solemne momento dirijo aos meus subditos, que me reputo feliz de ser rei de tal povo—deste povo,

que tão heroicos feitos praticou, e tantos sacrificios fez pela restauração e defeza da monarchia constitucional, e das liberdades patrias. E tambem considero que devo, no seio dos meus subditos, patentear os meus sentimentos de profunda gratidão a el-rei meu augusto pai, uão só pelos seus estremados desvelos de amor e benevolencia paternal, que tanto suavisaram a dôr da perda de minha saudosa e respeitavel mãe, como pela sabedoria e illustracção da sua regencia, á qual a nação deve extraordinarios beneficios. Senhores, cumprindo o juramento que dei, o meu maior empenho consistirá em promover o bem da nação, cujo solio occupo. Fiel aos principios do governo representativo, e respeitando os sagrados preceitos da lei fundamental do estado, velarei pela sua sincera execução. Oxalá que o reinado que hoje começa obtenha as benções do Todo-Poderoso; que os povos desta monarchia, que ainda hoje se estendem a diversas partes do mundo, possam bem dizer o seu monarcha e o seu governo; que a justiça e a liberdade reinem commigo, que só posso considerar-me feliz pela felicidade de todos.

D. FERNANDO.

Viva a nação portugueza !

TODOS.

Viva !

MASCARANHAS.

Viva El-Rei o Snr. D. Pedro V. !

TODOS.

Viva.

(Ouvem-se musicas, vivas do povo, salvas da artilharia em distancia. Cae o pano !)

FIM DO 1º ACTO.



ACTO SEGUNDO.

O REI.

Sala simples no palacio da Ajuda em Lisboa, tendo pelas paredes trophéos d'armas dos Braganças.

Scena I.

Avilar. (só)

Veremos, D. Leonor, como supportarás o trama que urdi contra vós! A felicidade me acompanha, e se ella me for fiel, D. Leonor será minha e o reino de D. Miguel. Mal sabe D. Reatriz, que o bilhete que mandava a D. Leonor acha-se nas mãos de Luiz de Souza. Luiz de Souza acreditará depois das provas no quanto lhe disser. Ah! veremos quem triumphá (*tira um papel*). Corte Real devia chegar hoje a Lisboa, e ainda não tive noticias d'elle! Se D. Miguel determinar, a febre amarella lhe pode servir de degrãos para subir ao throno de seus pais. Espero pelas ordens, e Corte Real é o portador d'ellas. Ah! vem D. Beatriz deixemol-a em liberdade. Coitada! Ella querendo os proteger, condemna-os a separarem-se. Luiz de Souza, voltastes de tua longa viagem d'Africa, para seres infeliz.

Scena II.

D. Beatriz (só).

Como Lisboa mette horror! A febre amarella

devasta a todos por toda a a parte! Se Luiz de Souza caisse victima... ah! Leonor não supportaria a vida por muito tempo. Pobre Leonor! Perdeu seu velho pai, que na hora da morte lhe dera Luiz por esposo! A febre amarella não respeitou aquelle velho valente, nem teve compaixão da filha afflicta e inconsolavel, que chorava a perda de um pai extremoso! Luiz de Souza não me ama, seja de Leonor. Quem diria que Leonor de Mendonça, dois annos que Luiz esteve pela Africa, não saiu a rua? Antonio de Avilar desesperado por não vê-la, esqueceu-se de deter o amante de Lenor por mais tempo longe d'ella, e chega Luiz de Souza, quando Leonr tem perdido seu pai, e a febre amarella mais intensa se tem tornado. Meu Deus! E eu que tanto amei! Triste amor que de flôr te tornaste em cypreste! Leonor será feliz, e eu? Eu que pranteie a sorte dura, o infortunio junto aos degrãos do altar! Quando Leonor nos braços de Luiz!... Oh! esta ideia virtiginosa me arrebatá!... Elles unidos! Sacrificio farei, vivendo em lagrimas desfeita! Oh! E Antonio de Avilar, que trama contra elles? Se Avilar é o seu anjo máu, eu serei o anjo bom.

Scena III.

Beatriz e Avilar.

AVILAR.

Bons dias, D. Beatriz.

D. BEATRIZ.

Ah! sois vós, Sr. Antonio de Avilar.

AVILAR.

O infeliz Avilar, que em tudo tem sido como mouro! Sabeis que empenhos meus fizeram Luiz de Souza regressar a Portugal, e D. Leonor que perdêra seu pai ha um mez, deve esquecer o odio que me tem, pelo beneficio que lhe fiz.

D. BEATRIZ.

Fostes vós, Sr. camarista, que fizestes Luiz voltar a Lisboa?

AVILAR.

Quem mais? Não fui eu que o fiz partir em commissão para a Africa, oito dias depois da coroação de El-Rei? Não fui eu que o conservei sempre longe para vingar-me de D. Leonor? Sou eu ainda, D. Beatriz Mascarenhas, que generoso como vós, deixei que Luiz de Souza voltasse a vêr sua bella Leonor.

D. BEATRIZ.

Tendes tanto poder, que me admiro.

AVILAR.

Quero esquecer-me de D. Leonor. Ella é ainda jovem e eu vou como o sol da tarde, caindo para o occaso. Se fallardes a ella, dizei-lhe que seja para commigo mais indulgente do que seu pai que morreu odiando-me.

D. BEATRIZ.

Era tempo, Sr. Avilar, de Leonor esposar-se com Luiz de Souza.

AVILAR.

E vós não amais a Luiz de Souza?

D. BEATRIZ.

Senhor! . . .

AVILAR.

Toda Lisboa sabe, que trajais de preto, porque para vós morreu a felicidade! É pena! Tendes um coração tão bem formado. . .

D. BEATRIZ.

E acreditastes, Sr. camarista, no amor, que Lisboa sabe, dedicar eu a Luiz de Souza?

AVILAR.

A voz do povo, minha senhora, quando não é a de Deus, é a do diabo.

D. BEATRIZ.

Essa mesma voz publica apregoa, que vós jurastes só derrubar a barba, quando D. Miguel reinar em Portugal!

AVILAR.

(*Atrapalhado.*) Calúnnia! Embustes dos meus inimigos. D. Beatriz, que vós amais a Luiz de Souza eu o juro, e. . .

D. BEATRIZ.

Sr. camarista, se continuardes . . .

AVILAR.

O que fazeis ?

D. BEATRIZ.

Participarei a meu pai, e se preciso fôr queixar-me-hei de vós a El-Rei !

AVILAR.

Não vos offendais com as minhas palavras, deixo-vos, senhora, á espera de D. Leonor.

Scena IV.

E. Beatriz (só).

Este homem é um monstro ! A sua idade não o acabrunha e para vingar-se commette infamias e calumnias ! Querer fazer-me crer que por seus empenhos Luiz de Souza, deixou a Africa ! Malvado que mal sabe que Leonor vem encontrar-se com Luiz neste real recinto. Alguem chega ! Ah ! . . .

Scena V.

D. Beatriz e D. Leonor.

D. LEONOR,

Beatriz ! . . .

D. BEATRIZ.

Minha Leonor! Não sei como deixastes a tua triste morada!

D. LEONOR.

Mandastes-me dizer, que elle me esperava, corri a vê-lo.

D. BEATRIZ.

Recebestes meu escripto?

D. LEONOR.

Escripto teu! Não. Apenas teu creado verbalmente deu-me o teu recado.

D. BEATRIZ.

É que perdeu o bilhete! Diz-me Leonor, já tens o coração mais socegado? O teu Luiz não te acalmou o espirito? Quando tem lugar as tuas nupcias? Oh! n'esse dia Antonio de Avilar ficará furioso...

D. LEONOR.

Beatriz, a volta de Luiz alegrou-me e ao mesmo tempo intresticeu-me. A febre amarella assolla Lisboa, e com preferencia aos recenhegados, aquelles estranhos ao clima e aos costumes. Luiz ha dois annos longe de nós, em paizes novos deve estranhar Lisboa, oh! por elle temo, por elle ainda tenho meu coração alterado! As saudades que tinha antes quizera têl-as por algum tempo mais do que vêr Luiz affrontar a peste, que mata sem ter recursos a medicina para combatê-la!

D. BEATRIZ.

Elle não pode tardar.

D. LEONOR.

Luiz?

Scena VI.

Ditas e Avilar,

AVILAR.

Senhoras El-Rei vos chama. Sabendo que D. Leonor de Mendonça estava em seu palacio, quer com ella fallar.

D. BEATRIZ.

Vamos Leonor.

D. LEONOR.

Ah ! El-Rei ainda se lembra da filha do coronel Mendonça ? Não é esquecido—tem essa virtude.

Scena VII.

Avilar (só).

Tudo corre as medidas dos meus desejos. Fiz El-Rei dezejar vêr D. Leonor, e Luiz não pode tardar, elle acreditará em mim. Sinto passos ! (*Abre a porta.*) Entrai, Sr. Luiz de Souza,

Scena VIII.

Avilar e Luiz.

LUIZ.

Fostes vós, senhor, que me mandastes este bilhete?

AVILAR.

É verdade, Sr. Souza, porque doia-me dentro d'alma, vêr-vos cair em um precipicio terrivel.

LUIZ.

Fallai,

AVILAR.

Amastes D. Leonor, isso era natural, mas ella vos amou?

LUIZ.

Assim o devia crer, pelas suas palavras, pelos seus escriptos.

AVILAR.

Ah! isso é mau. As mulheres, quanto mais jurão, mais mentem, e quanto promettem mais faltão.

LUIZ.

Ignoro essa theoria, que annos vos tem feito adquirir.

AVILAR.

Ha dous annos estaveis longe de Lisboa, e só em

cartas finhas noticias de D. Leonor, sendo essas cartas, talvez, escriptas por ella. Hoje quero des-sengandar-vos. D. Leonor ha dous annos é. . .

LUIZ.

Silencio, Sr. Avilar ! Silencio !

AVILAR.

(*Leva Luiz a porta por onde entrara Leonor e Beatriz.*) Vêde ! Eil-a junto do Rei.

LUIZ.

(*Furioso.*) Ah ! deixai-me. . .

AVILAR.

Esperai ! O despreso é o que devieis dar a essa mulher, que em troca de tantos affectos vossos barateia sua honra, pelos fofos exaltamentos de uma dama do Rei,

LUIZ.

Sinto um ferro em brazza ferir-me o coração ! Leonor trair-me ! Oh ! D. Beatriz ! Amastes-me ! Eu despresei-vos ! Vós vingastes-vos ! Risos dos demonios, escarnecei de um louco que acreditou em uma mulher ! Quem as pode crer ? Qual d'ellas é a verdadeira ?

AVILAR.

Nenhuma. Mulher fiel, não ha nem houve, acreditai em Castilho.

LUIZ.

Leonor que tanto amei ! Oh ! quando no altar

leviamos completar a nossa felicidade, a realidade terrível de um crime nefando, descobre-se ante meus olhos, como espectro da morte horrorisando-me de terror! Luiz de Souza, és Tavora! Deves carregar com as maldições dos teus illustres antepassados! O sangue que circulão tuas veias é dos regicidas, dos mortos em cadafalsos! D. Leonor, sêde feliz... oh! não venha o pranto depois do riso, a dôr após o prazer. Sr. Avilar, devo-vos um favor grande. Tirastes a venda que me cegava, deixarei Lisboa, e quando D. Leonor vos perguntar... oh! ella abi vem... Deixai-me lançar na face d'essa mulher impura o seu erro fatal!

AVILAR.

Suas lagrimas podem commover-vos... oh! o pranto é a linguagem conveniente das mulheres.

LUIZ.

Serei homem... Deixai-me com ella.

AVILAR.

Vêde o que fazeis. Tudo ella ha de negar e talvez ella me accuse de tê-la feito infiel e perjura.

LUIZ.

Ide, Antonio de Avilar.

Scena IX.

Luiz e D. Leonor.

D. LEONOR.

Luiz! meu amado Luiz!

LUÍZ.

(Com sequidão.) D. Leonor nos paços do Rei!

D. LEONOR.

Vim esperar por ti.

LUÍZ.

Esperar por Luiz de Souza aqui! Meu Deus! até aonde levas a tua calúnia Leonor de Mendonça? O ouro, as pompas da realeza, segou-vos, perdestes tudo, até ousas mentir ante aquelle que de ti exigia só verdade!

D. LEONOR.

Luiz, que linguagem é essa?

LUÍZ.

(Dando-lhe o bilhete) Lede! D. Beatriz vos chama para El-Rei vos ter a seu lado, e ainda ousais negar! Ha pouco aonde estavas?

D. LEONOR.

Junto do nosso soberano.

LUÍZ.

Dizei antes, junto...

D. LEONOR.

Luiz de Souza, respeitai a Leonor de Mendonça!

LUÍZ.

Respeito a rainha sem diadema, a esposa sem marido.—a Leonor de Mendonça.

D. LEONOR.

Ah! meu Deus, o que vos fiz!

LUIZ.

Traistes aquelle que morria de amores por vós. Traistes um homem que dois annos ausente só tinha uma esperança, uma felicidade, era possuir-te, Leonor. Hoje tudo entre nós está acabado. O passado será recordado por mim, como um sonho infantil e cheio de chimeras. D. Leonor. Este bilhete vos condemna para sempre ao opprobrio.

D. LEONOR

Deus de Mizericordia, valei-me! Luiz de Souza, eu estou innocente.

LUIZ.

(*Lendo o bilhete*) « Leonor de Mendonça, hoje « no paço devia vir. Elle se encontrará com vosco « e nesse momento sereis feliz como uma rainha. « Beatriz Mascorenhas.» (*Representando*) Já foste rainha, D. Leonor, continuai a ser.

D. LEONOR.

Eu pereço a cabeça! Dai-me esse bilhete... oh! Luiz... é falso! O amor que te tenho consagrado é casto e santo... Luiz... em nome de Deus... dame esse papel...

LUIZ.

(*Dando o papel*) Aqui tendes, Senhora.

D. LEONOR.

(*Examinando*) E' de Beatriz! é sua propria letra Ah! Luiz este bilhete foi perdido, eras vós quem eu devia encontrar a qui.

LUIZ.

Encontrares-me aqui! Ah! como sabias que eu vinha ao paço.

D. LEONOR.

Beatriz mandara-vos chamar.

LUIZ.

Calumnia! D'ella não me foi dado recado. Leonor, adeus, amaite muito para odiar-te, mas a minha honra ordena que te esqueça.

D. LEONOR.

Luiz, eu sou digna de vós, do vosso amor.

LUIZ.

Tudo tenho preparado, ah! matastes-me a felicidade na terra.

D. LEONOR.

Luiz, ouve a voz da innocencia! E' a tua Leonor que te falla... Eu estou... innocente! (*com exaggeração*) Partir... partir... oh! deixai-me morrer!

LUIZ.

As lagrimas acodem logo que a culpa se patenteia. Leonor, adeus para sempre, (*indo a por-*

ta) D. Beatriz, triumphastes, ella não será minha esposa, nem vós. (*sae*)

Scena X.

D. Leonor (*só.*)

Ah ! (*cae de joelhos*) Meu Deus, tende piedade de mim !

Scena XI.

D. Leonor e D. Beatriz.

D. BEATRIZ.

Leonor, que aflição é essa ?

D. LEONOR

(*Erguendo-se*) Beatriz, uma traição infernal rebenta entre mim e Luiz, oh ! vede este bilhete.

D. BEATRIZ.

E' meu ! E' o que te tinha escrito.

D. LEONOR.

Cahio nas mãos de Luiz, suspeita de mim, accusa-me de traidora, e amante de El-Rei.

D. BEATRIZ.

Justos céos ! O que dizeis ?

D. LEONOR.

Vingança vossa suppõe elle ! oh ! D. Beatriz !

Dizei-me por que me arremessastes ao desespero?

D. BEATRIZ.

Eu?! Ah! Aqui anda Antonio de Avilar!

D. LEONOR.

(*Comsigo.*) Devo segui-o! Farei que me acredite... Luiz reconhecerá a minha innocencia, Deus não ha de permittir que o crime triumphe. (*Para Beatriz.*) Beatriz, adeus!

D. BEATRIZ.

Onde vais?

D. LEONOR.

Oh! aonde Luiz fôr. (*Sae.*)

Scena XII.

D. Beatriz (*só*).

Antonio de Avilar, vou presenciar teus feitos!

Scena XIII.

D. Beatriz e Avilar.

AVILAR.

Chamaste-me senhora?

D. BEATRIZ.

Antonio de Avilar, a traição foi tua. Como obtivestes este bilhete? (*Mostra-lhe o papel.*)

AVILAR.

Que bilhete ?

D. BEATRIZ.

Dissimulais mal a vossa alegria ! Antonio de Avilar, fostes a causa de Luiz de Souza abandonar a Leonor de Mendonça ! Sois um monstro ! Um filho do averno, um infernal miguelista.

AVILAR.

Insultais-me, senhora ?

D. BEATRIZ.

Eu vos detesto !

AVILAR.

O bem paga-se com o mal. Eu tudo fiz para dar-vos Luiz de Souza ao vosso coração, e vós insultais-me ? D. Beatriz, o que ao diabo esquece a mulher lembra, Eu devia ter nascido mulher, por que lembro-me do que o diabo esqueceu-se. O vosso creado levava esse bilhete a D. Leonor, comprei e substitui por um simples recado verbal. Um recado mandavas a Luiz de Souza, troqueio por um convite meu, e enviei-lhe o bilhete que tendes ahi, chamando-o para prezenciar Leonor junto do Rei. Assim quiz Deus que acontecesse, Luiz viu D. Leonor, quando chorava a perda paterna nos braços do Rei que, choroso, lembrava-se de sua santa mãe ! Facil foi a Luiz crer em mim, e eis como para sempre fiz murchar duas flores cheias de vida e de amor.

D. BEATRIZ.

Tudo descobrirei !

AVILAR.

Não vos hão de crer. Luiz viu de mais, para perdoar, Leonor.

D. BEATRIZ.

Monstro que sois !

AVILAR.

Nem todos são como Christo, que offereceu a face depois de haver recebido uma bofetada, para que lhe dessem outra, ou como D. Beatriz, que amando Luiz de Souza, por elle sendo despresada, cooperava para unir sua rival ao ente que ama ! Não ! Se D. Leonor de Mendonça não fôr de Antonio de Avilar, já mais será de Luiz de Souza.

D. BEATRIZ.

Veremos ! . . . Chega El-rei.

Scena XIV.

**Pedro V, Mascarenhas, Alvaro, Avilar,
Avilar, D. Beatriz e Medicos.**

PEDRO V.

(*Conversando.*) Vamos, doutores, levar os socorros aos atacados. A minha presença os animará, e o povo, que anda pelas ruas e praças desanimados, terá fé no seu Rei.

AVILAR.

Senhor ! que vos exponhais a ser ferido pelo peste.

PEDRO V.

Tem ella respeitado meu palacio ? Ha pouco Luiz de Souza, não foi atacado ao sahir d'aqui ?

D. BEATRIZ.

Luiz de Souza? !

PEDRO V;

Sim D. Beatriz. Luiz de Souza foi conduzido ao Hospital Real e nós vamos visital-o.

D. BEATRIZ.

Ah ! meu Deus !

AVILAR.

Mas, Senhor, lembrai-vos das palavras da escriptura « livra-te dos ares que te livrarei dos malas. »

PEDRO V.

Não está o meu povo sendo victima de um flagello infernal ? Sr. Avilar, acreditai que a febre amarella, se tiver de dar-me, ainda que eu fuja d'ella, em meu proprio recinto, ella me ha de ferir. Vamos Srs., derramar consolações aos afflictos e esperanças aos desanimados.

MASCARENHAS.

Deus vêla por vós, Senhor.

ALVARO.

Vamos, Sr. Avilar.

AVILAR.

Senhor é ainda tempo. Deixai-vos ficar, oh! não andeis vos expondo tanto. Que importa que o povo soffra, com tanto que estejais livre do mal!

PEDRO V.

O que dizeis, Sr. Avilar? Esse modo de fallar, não quero em meu palacio. O povo é meu filho, devo por elle velar na terra, como Deus no céu vela por elles. Partamos!

AVILAR.

Bem fez o patriarcha em deixar Lisboa.

MASCARENHAS.

O patriarcha fugiu, não quiz arriscar os poucos annos que lhe restão de vida, como arrisca El-rei a sua mocidade. O barrete de cardeal vale mais para elle do que a corôa de Rei a Pedro V. Oh! Rei clemente e nobre, quanto sois grande e magnanimo!

PEDRO V.

Senhores, corramos a soccorrer os doentes. Entre elles somos mais necessarios. A febre amarella deve ser extincta, porque ella paralisa tudo. As estradas de ferro, que o Sr. Salamanca tomou por empreza, não tem operarios! Os telegraphos electricos não tem trabalhadores, a lavoura está

sem ter quem trabalhe ao arado, a charrua dorme abandonada, o commercio fecha suas portas com terror! A navegação está ameaçada de ser interrompida, porque victimas são todos que chegam a nossos portos! Calamidade fatal que veio enlutar Lisboa e intristecer a todos.

AVILAR.

Senhor, renunciai esses projectos de filantropia, correndo risco a vossa vida.

PEDRO V.

Senhor Antonio de Avilar, nada deveis receiar, se eu morrer, o throno não fico sem herdeiro. (*sae*)

AVILAR.

Luiz de Souza com a febre! (*sae*)

D. BEATRIZ.

Oh pobre Leonor! (*sae*)

Scena XV.

Vista de praça tendo ao fundo grande predio com este letreiro HOSPITAL REAL. 1º e 2º Homem do povo, 1ª e 2ª Mulher do povo. O povo anda pela praça rezando.

1º HOMEM.

Meu Deus, misericordia por nós!

1ª MULHER.

Tende compaixão dos vossos filhos.

2º HOMEM.

Que desgraça ! Morre-se mais depressa do que se apaga uma vela ! Ha pouco passava pelo paço real, quando ouvi gritar soccorro ! e Luiz de Souza, aquelle jovem fidalgo, amigo dos pobres, fôra atacado da febre amarella e conduzido para este hospital. Pobre Luiz de Souza, voltar da Africa, para morrer !

Scena XVI.

Ditos e D. Leonor,

D. LEONOR.

(Para o 1º homem.) Senhor, vistes entrar algum enfermo para aquelle hospital ? !

1º HOMEM.

Muitos.

D. LEONOR.

Seria algum Luiz de Souza ?

1º HOMEM.

Não o conheço.

D. LEONOR.

(Para a 1ª mulher.) Senhora, dizei-me, não vistes entrar para aquelle hospital um doente . . . Luiz de Souza ?

2º HOMEM.

Luiz de Souza ?

D. LEONOR.

Sim.

2º HOMEM.

Oh! D. Leonor de Mendonça, elle está ali. (*A-ponta para o hospital.*)

D. LEONOR.

Graças! Oh! graças!

1º HOMEM.

O que pretendes fazer?

D. LEONOR.

Ir morrer com elle.

1ª MULHER

Não tendes medo da morte?

D. LEONOR.

A morte teme de mim.

2ª MULHER.

Sois feiticeira?

D. LEONOR.

Não, sou desgraçada. (*Entra no hospital.*)

Scena XVII.

Ditos menos D. Leonor.

2º HOMEM.

Pobre D. Lenor! Quem a viu e quem a vê! No tempo do coronel era um cherubim! Agora palli-

da e triste como a estatua do tumulo de Palmella.

VOZES DO POVO.

(*Fôra.*) Viva El-rei! Viva o Rei! Viva!

TODOS.

Viva o Rei! Viva!

Scena XVIII.

**Ditos, Pedro V, Mascarenhas. Alvaro e
Medicos:**

PEDRO V.

Sr. Mascarenhas, cumprí as minhas ordens.

MASCARENHAS.

(*Distribuindo esmolos.*) El-rei corre a salvar-vos.

1^a MULHER

Deus o proteja.

2^a MULHER.

À Mãi Santissima o guarde.

1^o HOMEM.

Santo Antonio ande em sua guarda,

PEDRO V.

Amigos, tende resignação. Bem sei que o mal é grande, mas elle ha de passar, e Deus ouvirá nossas preces, derramando sua divina misericordia so-

bre nós. Vamos, senhores medicos, receitai a pobreza, que Alvaro Gonçalves dará os remedios.

MASCARENHAS.

Já remi a todos.

PEDRO V.

Entremos no hospital.

1º HOMEM.

Aonde ides Senhor? t

PEDRO V.

Visitar os enfermos.

1ª MULHER

Fugi . . . fugi da febre amarella f

PEDRO V.

Deus é grande. Confiai n'elle.

2ª MULHER.

Meu Rei e Senhor, não entreis abí.

PEDRO V.

Pedi a Deus por mim. (*Entra.*)

Scena XIX.

Alvaro, Medicos e Povo.

Vêde, meus amigos, que tudo o Rei arisca pelo seu povo.

UM DO POVO.

Ai... eu morro!

TODOS.

É a peste... fujaamos! é a peste.

ALVARO.

(*Para o doente.*) Doutores, este carece soccorros. Conduzamol-o ao hospital. (*Carregão o atacado para o hospital.*)

Scena 20.

Ditos menos Medicos e Alvaro.

1ª MULHER

(*Para o 1º homem.*) Vistes como a escommun-gada ataca?

1º HOMEM.

É um raio!

1ª MULHER.

Ha dias vinha eu pelas janellas verdes, e vendo uma casa fechada, que todos olhavam com terror, perguntei a causa, contaram-me que tinham encontrado dentro a todos os moradores mortos!

2ª MULHER.

(*Benzendo-se.*) S. Sebastião nos acuda.

2º HOMEM.

Meus amigos, temos preces esta noite, não falteis a ellas; devemos implorar a Deus que nos tire este flagello terrivel; até o nosso bom Rei já tem

despreso a vida, arriscando sua existencia contra um inimigo que não se vê e só se sente.

2ª MULHER.

Valha-nos o Senhor do Bomfim ! Como o Rei não teme a morte !

1º HOMEM..

El-rei quer animar a seu povo e mostrar-lhe, que de nada serve, ter medo quando a epidemia tem de dar no individuo.

2º HOMEM.

Deus queira que D. Luiz não venha a ser o Rei de Portugal.

2ª MULHER.

Santo Breve ! Morre o nosso rei *esperançoso* ? Deus o salve ! Deus o proteja.

Scena 21.

Dito, Medicos e Alvaro.

ALVARO.

Quem de vós necessita medicamentos ? Em nome de El-rei, elles vos serão dados.

1º HOMEM.

Ah ! Sr. Alvaro Gonçalves, ficou aquelle homem, que vinha passando, e foi atacado da febre ?

ALVARO.

Deixamo-lo no leito ao lado de Luiz de Souza, as voltas com os medicos encarregados das enferma-

rias, e o nosso Rei, serve neste momento de adjunto de enfermeiro ao doente que curamos.

2º HOMEM.

Não o conhecestes, Sr. Alvaro Gonçalves? Aquelle sucio não me é desconhecido... mas não me recordo do nome, nem pelo que eu o conheço! Quem era elle?

ALVARO.

O infeliz Corte-Real, que nos tempos de D. Miguel tanto se distinguio (*vendo vir D. Beatriz*). Que vejo! D. Beatriz de Mascarenhas! Senhora...

Scena 22.

Ditos, D. Beatriz, e um criado.

D. BEATRIZ.

Sr. Alvaro Gonçalves... que novas me dais de Luiz de Souza?

ALVARO.

El-rei o vesita agora, será o melhor informante que haveis de ter.

1º HOMEM.

Fujamos! peste! peste!

TODOS.

A febre amarella! meu Deus!

D. BEATRIZ.

(*Para as mulheres*) O que é isto, Senhoras!

2ª MULHER.

E' epidemia... é a morte.

ALVARO.

O que vos horrorisa ?

1º HOMEM.

(Apontando para um homem que está afflicto)
Vede Sr... ja aquelle desgraçado esta accomettido da febre.

ALVARO.

Doutores, soccorramos (*vão ter com o individuo*).

D. BEATRIZ.

(Áparte) Oh! entramos, Beatriz, que Leonor talvez ignore que Luiz de Souza é victima da febre amarella. (*Vai entrando, o rei apparece na porta do hospital, com a sua comitiva, o portão abre para os lados, deixando D. Beatriz no centro do theatro e o rei nos degrãos da porta do hospital.*)

PEDRO V.

D. Beatriz, Luiz de Souza está salvo!

D. BEATRIZ.

(De joelhos) Graças meu Deus! Graças para El-Rei D. Pedro V.

TODOS.

Viva El-Rei! Viva! Viva!

FIM DO 2º ACTO.

ACTO TERCEIRO.

O CASAMENTO.

Comprida enfermaria com leitos de ambos os lados, cheios de doentes, na primeira cama da direita, Luiz de Souza está deitado, e na primeira cama do lado esquerdo Corte Real. Leonor de joelhos junto ao leito de Luiz. O dia vem nascendo. Ao lado de Luiz de Souza ha um altar e do outro lado uma mesa com medicamentos.

Scena I.

D. Leonor, Luiz e Corte Real.

D. LEONOR.

Elle dorme socegado! Deus attendeu as minhas lagrimas, as minhas supplicas e rogos mercerão a vossa Divina Mizericordia, Luiz hoje sai do hospital, depois de quatro dias de enfermo.

CORTE REAL.

Ai! Ai! Meu Deus!

D. LEONOR.

Outro tanto não acontece aquelle infeliz, aquem os medicos desenganaram.

CORTE REAL.

Agua! Tenho sede!

D. LEONOR.

(Erguendo-se vai a mesa dos remedios e traz

a Corte Real um copo de beberagem) Aqui tendes Sr., bebei este remedio, foi o Dr. que vol-o receitou.

CORTE REAL.

Dai-me dai-me Senhora, que tendes sido tão boa para comigo. (*bebe.*)

D. LEONOR.

Ouço-vos gemer amargamente, procuro aliviar vossos males.

CORTE REAL.

(*Aflicto*) Sois irman de caridade?

D. LEONOR.

Não, sirvo de enfermeira a um doente.

CORTE REAL.

O vosso nome?

D. LEONOR.

Chamo-me Leonor.

CORTE REAL.

Leonor!... Ah! quanto vos devo em vos occupardes com um doente... que as portas da morte de nada vos poderá servir.

D. LEONOR.

Vós sereis salvo.

CORTE REAL.

Não... não Leonor, sinto já o pigarro da morte

atacar-me a garganta e as agonias dos muribundos quebrar-me as forças, aniquilar-me todas as esperanças.

D. LEONOR.

Oh! Deus se condoerá de vós.

CORTE REAL.

Deus não pode salvar a todos... oh! quanto custam estes ultimos instantes! A febre amarella mata-me... oh! eu quizêra viver... quizêra ainda cumprir o meu dever.

D. LEONOR.

Ainda o podereis cumprir.

CORTE REAL.

(*Agoniado*) Dai-me mais remedio! oh! já sinto a voz prender-se-me na garganta... oh! isto é horrivel!

D. LEONOR.

(*Dando o remedio*) Aqui tendes.

CORTE REAL.

Tendes um coração de anjo. Leonor... quero pedir-vos um favor... oh! o ultimo, na hora extrema... dizei-me... vós me haveis de fazer, não é assim?

D. LEONOR.

Ordenai, Senhor.

CORTE REAL.

Não sabeis quem eu sou, é o mesmo, todos aqui o ignoram... mas eu careço que me dediqueis a vossa benevolencia... D. Leonor, dai-me o meu gibão... quero o meu gibão... oh! depressa que o morrer não custa.

D. LEONOR.

(*Dando-lhe o gibão*) Ah! Senhor ides vestir-vos?

CORTE REAL.

Não... não... esse trabalho terão os que me forem sepultar, se quizerem. (*rasgando a gola do gibão*) Aqui tenho um segredo... oh! vou confiar-vos D. Leonor, porque vós deveis ter compaixão de um homem que alguns minutos mais... deve estar prestando contas a Deus.

D. LEONOR.

Fallai. Eu vos obdecerei em tudo.

CORTE REAL.

Oh! agora posso morrer... (*tira da gola do gibão um papel fechado*) D. Leonor, este papel enserra um segredo que vos confio como virtuozza que sois... vede a quem é elle dirigido?

D. LEONOR.

(*Lendo o subscripto*) Antonio de Avilar!

CORTE REAL.

Conheceis?

D. LEONOR.

(*Atrapalhada*) Sim... é o camarista de D. Pedro V.

CORTE REAL.

E' elle ! E' elle mesmo ! Ah ! vós lhe entregareis essa carta... Elle vos recompensará... oh ! fiai-vos na generosidade de Antonio de Avilar, e dizei-lhe que... que fui eu... eu quem vos confiei na hora da morte esta missão que de bom grado acceitastes... contai-lhe D. Leonor, como me vistes entrar... doente de febre amarella... ah !... que agora... dai-me remedio... tenho secura... sinto o sangue vir-me a boca ! D. Leonor ! oh ! D. Leonor !

D. LEONOR.

Deixai-me chamar soccorro ! o medico deve estar no hospital.

CORTE REAL.

E' tarde... escutai-me... ouvi-me...

D. LEONOR.

Oh ! meu Deus ! tende piedade d'elle !

CORTE REAL.

D. Leonor... vós me haveis attender não é assim ? Essa carta será entregue em mão propria de Antonio de Avilar... oh ! não deixeis que a roubem, e quando elle vos fizer feliz, lembrai-vos da victima da febre amarella, de João Castello Branco Corte Real.

D. LEONOR.

Sois dos Cortes Reaes !

CORTE REAL.

Ah ! o meu nome vos é conhecido ?

D. LEONOR.

Os Costes Reas, forão terriveis Miguelistas.

CORTE REAL.

Calai-vos... é um crime... oh ! eu morro...
D. LEONOR, essa carta...

D. LEONOR,

(*Sustendo-o*) Acabai !

CORTE REAL.

E... de D. Miguel ! (*cai morto*)

D. LEONOR.

De D. Miguel ! Elle está morto ! Seu coração não bate nem respira mais ! (*Indo para D. Luiz de Souza*) Ah ! Luiz de Souza Antonio de Avilar ha de me pagar quanto hei soffrido (*toca a campainha.*) Mais um cadaver senhores.

LUIZ.

(*Dirpertando*) Que horas são ?

D. LEONOR.

(*Guardando no ceio a carta*) O dia vem amanehecendo.

LUIZ.

Sois vós, D. Leonor que ainda velais por mim ?
Dizei-me, o Dr. já não me deu alta ? O que me de-
tem aqui ?

D. LEONOR.

O Dr. dei-vos alta, mas ordenou que só com o
sol mais quente podeis sair. A humidade da manhã
librinosa como a d'hoje, pode ser-vos fatal.

LUIZ.

Que importa morrer ! De que val a vida, quando
ella só serve de tormento e de soffrimentos crueis ?

D. LEONOR.

Luiz !

LUIZ.

Leonor deixai-me.

D. LEONOR

Sois inexoravel para com tua Leonor !

LUIZ.

E como te ha de chamar El-rei ?

D. LEONOR.

Oh ! meu Deus ! El-rei está sendo victima de um
infame que o quer trair !

LUIZ.

De D. Beatriz ?

D. LEONOR.

Não, de Antonio de Avilar.

LUIZ.

Antonio de Avilar não me illudiu, eu vos vi nos braços d'El-rei.

D. LEONOR.

Oh ! lacrimosa chorava perante o Rei a perda de meu pai ! Luiz, D. Pedro V, não é Luiz XIV e XV de França, elle é virtuoso como seus pais e de sua corte a immoralidade foge perseguida por elle.

LUIZ.

É um Rei exemplar ! . . . eu vos quizêra crer, mas não posso.

D. LEONOR.

Como provar-vos a minha innocencia, se as minhas palavras de nada valem ! Luiz, não são bastantes estas lagrimas de amargurada dôr, para convencer-te de que te amo, de que sou digna de ti e do nosso amor ? O que queres ? Exigi de mim um sacrificio, ordenai, eu estou prompta a obedecer-te para provar-te a minha innocencia.

LUIZ.

(*Sentado no leito.*) Ha pouco eu dormia, sonhei ouvir um destes enfermos levando com a morte, oh ! porque não fui eu immolado pela febre ? (*Fica pensativo.*)

D. LEONOR.

Luiz de Souza, que tristeza é essa ?

LUIZ.

(*Como recordando-se.*) É assim... oh ! de todo a memoria não me abandona.

- « Morrer aqui, alem, agora, ou logo...
- « Que importa ? é sempre um sonho esta existencia
- « Um sonho horrivel que se esvae na morte.

D. LEONOR.

Oh ! sempre com esta poesia terrivel de um poeta ciumento.

LUIZ.

É o Ciume do Bardo, Leonor, é um sublime poema, que Castilho escreveu para aquelle que como eu se veem traídos, nas suas mais doces esperanças.

D. LEONOR.

Oh ! meu Deus !

LUIZ (*meditando*).

- « Mulher ! quanto eu te amei, quanto has perdido,
- « Não o sabias tu, nem eu sabia !
- « Veiu a voz do crime revelar-mo...

D. LEONOR.

Oh ! quanto custa meu Deus ser punida quando se está innocente !

LUIZ (*do mesmo modo*).

- « Bem vindas minhas lagrimas, bem vindas,

« Precizava de vós, tardaveis tanto !

(*Representando.*) O pranto meliga a dôr, e desabafa a paixão, mas não remedêa o mal.

D. LEONOR.

Se o pranto commovesse os corações, talvez que eu não fosse tão desgraçada.

LUIZ.

Quanto é bello este pedaço do Bardo ! Aqui Castilho foi inspirado pelas Muzas, como um Garrett sempre foi. É o poeta que escreve, o Bardo que falla :

« Mulher ! que mixto horrendo és tu na terra
 « Para unir crimes taes com tantas graças ? !
 « Que nome te convem ? ; cruel, perjura,
 « Inpia, blasfema, algoz, monstro dos monstros ?...

D. LEONOR.

Em nome de Deus, não me mateis !

LUIZ.

« Mas se tu eras pura ; se pensavas
 « Neste momento em mim ! se emquanto verto
 « Contra ti maldições, tu solitaria
 « Bençãos pedes aos Céus, que me protejam,
 « Me afastem todo o mal fóra saudades,
 « Me conservem fiel, te dem já ver-me !
 « Se era falso o teu crime ! Ah ! que se o fosse !...

D. LEONOR.

Luiz é falso ! oh ! eu sou victima de uma vingança baixa e infame.

LUIZ.

D. Leonor, que semelhança achais nestes versos com a nossa historia? Ouvi o resto D. Leonor:

- « Fé, bom velho, virtude, amor, constancia
- « Fugiram d'este globo indigno d'elles;
- « Mulher pura e fiel não ha, nem houve.

D. LEONOR.

Luiz de Souza!

LUIZ.

É o Bardo que diz, ainda diz mais:

- « Raça infame de viboras dolosas!
- « Podesse uma só nau contel-as todas,
- « E o piloto fosse eu: triumpho eterno!
- « Livre era mundo e os seculos vingados!
- « Desejos sempre vãos! . . . reaes só dores.

D. LEONOR.

Ah! Diz-me, Luiz de Souza, que malten ha feito a tua Leonor, para tão duro castigo lhe concederes? Ha quatro dias que contigo vivo neste hospital, onde as provas não equivocas de amor tenho te dado e ousas duvidar de sua fidelidade! do seu amor!

LUIZ.

Não tem El-rei vesitado este hospital? E credes que será pelos enfermos? Não será para vêr sua Leonor?

D. LEONOR.

Luiz de Souza, não me insulteis! É covarde o

homem que injuria uma pobre mulher que o seu crime é só amal-o. Oh ! tende piedade de mim !

LUIZ.

D. Beatriz trair-me ! **D. Beatriz**, fazer definhar e morrer o que de mais caro possuia no mundo !

D. LEONOR.

Luiz ! Ahi vem **D. Beatriz.**

Scena II.

Ditos e D. Beatriz.

LUIZ.

D. Beatriz neste foco de febre amarella ! O que vindes fazer senhora ? Não vos fartastes ainda dos males que me causastes ! Quereis arrastar-me para o desespero ?

D. BEATRIZ.

Ouvi-me, **Luiz de Souza**. Contra mim te conspirastes estando eu innocente. De tudo estou informada. Sou victima de uma traição cruel.

LUIZ.

Não era vosso aquelle fatal bilhete ?

D. BEATRIZ.

Era, **Luiz de Souza** ; mas não dirigido a vós. O traidor que o roubou de meu criado, em troco de ouro, foi quem vos remetteu esse bilhete, em lugar de um convite verbal que vos mandava.

LUÍZ

Não sei pelo que... o vosso creado fallou-me em nome de Antonio de Avilar... que me prevenia estar aquellas horas no paço, para presenciar a traição vossa e de Leonor.

D. LEONOR.

Oh! Antonio de Avilar, quanto mal me tens feito.

D. BEATRIZ.

Ainda não farto de tudo quanto ha feito, fez com que El-rei excluísse de seu paço, ao seu gentil homem Luiz de Souza, como um libertino e seductor immoral! E a vós D. Leonor como sua cúmplice.

LUÍZ.

Ah! El-rei excluio-nos do paço?

D. BEATRIZ.

Luiz... em nome de Deus! Leonor está innocente! Oh! isto é uma artil infame de Antonio de Avilar!

D. LEONOR.

(Alegre) E' verdade! Antonio de Avilar... oh! Luiz... diz que me amas ainda darte-hei um papel valioso, que bem pode vingar-me.

LUÍZ.

Contra quem?

D. LEONOR.

Contra Antonio de Avilar.

LUIZ.

Um papel! Como o tivestes?

D. LEONOR.

Ha pouco aquelle infeliz, antes de morrer, entregara a minha confiança.

LUIZ.

De quem é? (*ergue-se e observa o defunto*) Ah! João Castello Branco Corte Rial morto!

D. BEATRIZ.

Um dos Miguelistas exaltados!

D. LEONOR.

Luiz a carta é de D. Miguel.

LUIZ.

Dai-me... Leonor... dai-me esse papel... oh! tendo agora comprehendido... Deos enviarme o premio merecido a Avilar, eu serei o punidor de tantos crimes... D. Beatriz partamos, sinto o ar pesado... (*Dentro ouve-se resar*) Que voses são estas?

D. BEATRIZ:

E' o Vigario que reza.

LUIZ.

O Vigario... Ah! D. Beatriz guiai-me até, elle quero fallar-lhe.

D. BEATRIZ.

O que pretendes ?

LUIZ.

Compensar Leonor com o nosso consorcio.

D. LEONOR.

Luiz ! olha Luiz.

LUIZ.

Partamos. . . . oh ! elle não terá duvida em casar-nos, porque tenho permissão do Patriarcha.

D. LEONOR.

Luiz, vem emfim ser feliz.

D. BEATRIZ.

(*Aparte*)—Eu desgraçada !

Scena IV.

Ditos e Mascarenhas.

MASCARENHAS.

Minha filha, que temeridade é esta de pela manhã te espores a receber de um hospital de febre amarella as evaporações da morte.

D. BEATRIZ.

Meu pai, já não podia conter as lagrimas, corri a enxugar-as.

MASCARENHAS.

Luiz de Souza, o traidor Antonio de Avelar conseguiu de El-Rei que fosses expulso do paço com Leonor, culpados de um crime immoral.

D. LEONOR.

Breve, Snr. Mascarenhas, El-Rei terá mudado de pensar.

LUIZ.

Não é hoje a uma hora que o conselho se reúne, para tratarem sobre o consorcio de d'El-Rei?

D. LEONOR.

El-rei vai casar?

D. BEATRIZ.

É verdade, Leonor.

LUIZ.

Com quem?

MASCARENHAS.

Com D. Stephania de Hohumzollern-Símaríngen.

LUIZ.

Hoje a uma hora, Sr. Mascarenhas, no paço real devo entrar.

MASCARENHAS.

Não o podeis fazer.

D. BEATRIZ.

Eu o prometto, Sr. Luiz de Souza, que chegareis a El-rei.

LUIZ.

É quanto basta. Sr. Mascarenhas e vós D. Beatriz, acompanhai-nos.

D. BEATRIZ.

Aonde ides ?

LUIZ.

À capella deste hospital.

MASCARENHAS.

O que tentas fazer ?

LUIZ.

Esposar-me com D. Leonor de Mendonça.

D. BEATRIZ.

Ah !

MASCARENHAS.

Partamos. Eu me alegro de mallograr as intenções de Antonio de Avilar.

LUIZ.

D. Leonor de Mendonça, partamos. (*Saem.*)

Scena V.

Alvaro.

(*Aos doentes.*) Então, meus amigos, como passastes a noite . . . estimó que melhor continueis. Ah ! que temeridade de El-rei entrar aqui. (*Toca a cam-*

painha.) Quem será este defunto ? Coitado ! Mandemos tiral-o d'aqui. (*Apparece o enfermeiro.*) Levai este corpo para o deposito e vêde se outros defuntos occupam os mais leitos. O que não diria El-rei, se viesse encontrar um morto despresado em seu leito. . . talvez sem soccorros em vida?

VOZES DO POVO.

Viva El-rei ! Viva ! Viva !

ALVARO.

O povo não deixa o seu rei ! Mal o dia despon-ta as portas do paço estão apinhadas de indigentes e necessitado. A todos attende o nosso amado D. Pedro V ! Esmoler e caridoso como poucos monar-chas tem tido portugal. (*Os enfermeiros carregam o corpo de Corte Real e conduzem pela enfer-maria e desapparesem.*) Estes pobres doentes com um tal espetaculo perdem o animo. O que fazer, se este hospital foi de improviso pelo Rei creado para o bem de todos.

Scena VI.

Ditos e El-rei.

PEDRO V.

Então Sr. Alvaro, como vão os doentes ?

ALVARO.

Um pouco melhor.

PEDRO V.

(Para um doente) Tendes percizões ?

DOENTE.

Não Snr.

PEDRO V.

O Dr. já vos veio visitar ?

DOENTE.

Muito sedo visitou-nos.

PEDRO V.

Já vos deu por livre ?

DOENTE.

Ah ! eu só sinto grande pezo na cabeça.

ALVARO.

E não tendes um barrete de cardeal.

PEDRO V.

(Para Alvaro) Sr. Alvaro Gonçalves, Sua Eminencia ainda está fóra de Lisboa ?

ALVARO.

Dizem que não voltará, enquanto a febre amarella durar.

PEDRO V.

Faz bem . . . oh ! Deus o hade recompensar.

ALVARO.

Luiz de Souza ja teve alta.

PEDRO V.

Deixou o hospital? Eu estimava a esse joven, mas Antonio de Avilar delle me ha dito tantos feitos de immoralidade que não o pode consentir continuar a ir no paço.

ALVARO.

O que fizestes Sr.? Luiz expulso dos paços reaes!

PEDRO V.

Luiz é um libertino; não me é possível consentil-o na corte. Eu devo mudar de estado, e não quero exemplos desses em meu palacio.

ALVARO.

Luiz de Souza libertino! Oh! Sr. vêde (*lera o rei ao fundo mastrando para a esquerda*) Luiz de Souza esposa-se com D. Leonor de Mendonça.

PEDRO V.

Era tempo, o escandalo ia cauzando um grande mal em desabono de D. Leonor.

ALVARO.

Senhor, Luiz de Souza è digno de ser vosso gentil homem.

PEDRO V.

Antonio de Avilar não falla assim.

ALVARO.

Quem sabe se Antonio de Avilar não vos está illudindo.

PEDRO V.

Ah! Antonio de Avilar, o fiel servidor de meu pai, o meu fiel camarista, o que dizeis, Sr. Alvaro? Elle illudir o seu rei! Não o creas, é incapaz disso.

ALVARO.

Ahi vem Luiz de Souza e sua esposa.

Scena VIII.

Ditos. Luiz, D. Beatriz, D. Leonor e Mascarenhas.

LUIZ.

Permitti Sr., que aos vossos pés apresente D. Leonor de Mendonça, minha consorte.

PEDRO V.

Eu os felicito pelo que acabaram de praticar. Alvaro Gonçalves os nossos doentes nos esperam.

Scena IX.

Ditos, menos Pedro V e Alvaro.

MASCARENHAS.

Eu bem vos previni Luiz de Souza.

D. LEONOR.

Luiz deixemos estes sitios.

LUIZ.

Maldição sobre mim! Maldição sobre ti Antonio

de Avilar que a minha vingança será maior do que se pensa. El-rei frió e secco para com os seus fieis subditos! oh! como pode um tyranno encarnar-se em um rei e duminal-o por uma tal fórma? Leonor, da-m eessa carta. . . oh! agora quero a desforra.

D. LEONOR.

(*Dando a carta*) Luiz, ella te possa vingar.

LUIZ.

(*Abre-a e lê para si*) Justos Céos! E' D. Miguel quem escreve! . . . D. Beatriz (*guarda a carta*) Vós promettestes fazer-me chegar a El-rei, assim o exijo, ide, quando o tribunal estiver completo, na presença do conselho, oh! ahi, ahi será completa nossa vingança.

MASCARENHAS

Prudencia Luiz, prudencia.

LUIZ.

Sr. Mascarenhas o golpe é de morte, elle baqueará para sempre. Leonor de Souza, a victoria é nossa, partamos. D. Beatriz, a uma hora, nos paços de El-rei.

D. BEATRIZ.

Leonor! Leonor! (*abração-se.*)

VOZES DO POVO.

(*Fôra*) Viva El-rei D. Pedro V.! Viva! Viva!

FIM DO 3º ACTO.

ACTO QUARTO.

A VINGANÇA.

Magnifica sala no paço das Necessidades, de Lisboa, tendo grande cadeira de espaldar no fundo e poltronas de um e outro lado.

Scena I.

Avilar (só).

O conselho deve reunir-se a uma hora (*consulta o relógio*). Ainda tenho meia hora para poder escrever a meu Rei e Senhor. Corte Real sem que chegue, provavelmente temeu affrontar o perigo eminente da febre amarella; o homem atrevido e tenaz nos perigos da guerra, não se quiz expor aos contratempos de uma epidemia mortal! Tudo está preparado. Não foi só João Pinto Ribeiro que restaurou o throno de Portugal, não, Antonio de Avilar deve restaurar a corôa lusitana, ao seu legitimo rei. Ainda poderei esperar Corte Real até amanhã, mas se elle não chegar, novo emissario já tenho para D. Miguel. A docilidade de Pedro V me tem animado a esperar bom resultado de minha empresa. Apoderado do genio bondoso e do coração magnanimo de S. M. Fidelissima, posso dizer, que o domino. Luiz de Souza e Leonor de Mendonça experimentaram a força de minha vontade. Expulsos do paço, n'elle não voltarão mais, e

assim, melhor poderei tramar, sem dois tenazes inimigos que sempre suspeitaram de mim.

Scena II.

Avilar e Alvaro.

ALVARO.

El-rei é incansavel.

AVILAR.

Sempre expondo-se, porquem por elle não se ha de expor.

ALVARO.

Não é assim, Sr. Avilar, o povo é o defensor do Rei.

AVILAR.

Quando não é o algoz.

ALVARO.

Illudido algumas vezes, se tem excedido, mas em geral elle morre por seu Rei.

AVILAR.

E como o povo tomará a resolução de El-rei ir esposar-se?

ALVARO.

Como a esperança futura para o throno portuguez.

AVILAR.

Acreditais n'isso ?

ALVARO.

D'elle tenho ouvido felicitações a El-rei pelo seu projecto de casamento.

AVILAR.

Muito folgo com isso. Sr. Alvaro, o conselho ainda me dá tempo de ir a meu quarto, não me farei demorado.

ALVARO.

Ide, Sr. Avilar, que cá vos aguardo.'

AVILAR.

Oh ! por minha fé, que estarei em poucos instantes entre a corte. (*Aparte.*) Se Corte Real tiver chegado, tudo será determinado.

Scena III.

Alvaro (*só*).

O que terá Luiz de Souza para dizer a El-rei, que hoje apresenta-se no paço quando o conselho estiver trabalhando? Luiz de Souza esposar-se hoje mesmo em um hospital, com D. Leonor de Mendonça, por certo grande plano ha feito para junto a El-rei desenvolver. Não sei o que pense, mas Luiz de Souza não daria esse passo sem estar seguro na vingança. Antonio de Avilar conseguia

lançal-o fóra do paço, e ferir até, no que de mais sagrado D. Leonor póde ter! Este homem é um infame, que só com perversidades se nutre (*ouve-se o toque do clarim*). El-rei chega, vamos re. cebel-o.

Scena IV.

Avilar e Mascarenhas.

AVILAR.

Pretende assim, Sr. Mascarenhas, mostrar ao Rei que elle é digno de ser seu gentil homem.

MASCARENHAS.

Não sei, mas Luiz de Souza, esposando-se com D. Leonor, fez morrer as esperanças de algum. . .

AVILAR.

Julgais assim? Acreditastes que eu Antonio de Avilar, fidalgo camarista de S. M. Fidelissima o Sr. D. Pedro V curvar-me-hia até espoasr-me com D. Leonor de Mendonça?

MASCARENHAS.

Mas muitas vezes lhe pedistes a mão de esposa.

AVILAR.

Meios de seduzil-a. . . de conseguir os meus fins.

MASCARENHAS.

Sr. Avilar, respeitai a mulher de Luiz de Souza.

AVILAR.

Viva Deus. Vós mesmo puxais por mim e não me deixastes ir o meu destino, e formalizai-vos, assim que as verdades são ditas.

MASCARENHAS.

Sois um homem incompreensível (*sae*).

Scena V.

Avilar (*só*).

Eu me comprehendo, é quanto basta. Tramo a queda do vosso rei para elevar o meu e conseguir minhas paixões saciadas de todo. D. Leonor esposar-se com Luiz de Souza?! O Sr. patriarcha é prodigo em dar amplas licenças, como é covarde em fugir da febre amarella. É preciso conseguir derrubar do pedestal, em que está este Sr. patriarcha de Lisboa.

Scena VI.

D. Pedro V, Mascarenhas, Alvaro, Avellar, Duque de Saldanka, Ministros, Conselheiros de Estado e Fidalgos.

(*Sentando-se na cadeira do centro, na de espaldar, os mais tomam as que cercam o scenario, ficando de um lado Ministros e Conselheiros, e do outro Fidalgos e os mais personagens.*) Sentai-vos todos. (*Todos sentam-se.*) Senhores, com

Bem magoa ainda vejo meu povo sendo victima da febre amarella, que intensa desvasta Lisboa, digna de melhor sorte. Acreditai que com o coração magoado venho consultar-vos, Snrs. Conselheiros de Estado, sobre um negocio de tanta monta, de tanta consideração. O reino que em nome de Deus governo e por Elle protegido tenho cooperado para caminhar a par das outras nações no progresso moral e material, hoje paralisado sobre o triste estado epidemico em que nos achamos, amedronta e intimida a todos e as cousas caem em desanimo e morrem, sem haver quem as salve. O throno de Portugal por falta de herdeiros legitimos, vistes o que a historia nos ensina, teve de cair em poder de estrangeiros, mal intencionados, que roubaram-nos e deixaram-nos em luta com a pobreza e com a miesria! É o que tenciono evitar, com o passo que pretendo dar, se elle for de accordo com os interesses do estado. Tenho escolhido para ser minha real esposa a princeza D. Stephania de Hohumzollerm-Simaringen. E o conselho que medite e consulte os interesses da nação para depois resolver. Juntai, Srs., ao interesse nacional, as virtudes da princeza Stephania, a quem estudei e admirei em seu proprio palacio aonde sabeis que fui com prazer acolhido. A minha idade, e o dever que tenho de dar um successor a coroa de Portugal, aconselhado pelo meu extremoso amigo pai e senhor, que vós bem sabeis quanto elle é vosso dedicado, são as considerações que me levárão a projectar este casamento com S. A. a princeza D. Stephania,

MASCARENHAS.

Senhor, como um conselheiro de estado que sou, e já tendo ouvido fallar em que V. M. tencionava esposar-se com S. A. a princeza D. Stephania, consultei os interesses que Portugal devia, ter e se não os vi grandes, eu nada pude descobrir que se oppozesse aos desejos de V. M. Fidelissima.

PEDRO V.

As vossas reflexões, Srs. conselheiros, são os reguladores deste negocio; resignome a ellas e o meu destino está na vossa decizão.

Scena VII.

Ditos e D. Beatriz.

D. BEATRIZ.

Senhor desculpai-me se penetro aonde não deveria chegar, mas Luiz de Souza e sua espoza D. Leonor de Mendonça, pedem ao seu Rei e Senhor a graça de os deixar chegar até aos pés de V. M. para descobrirem um crime que ameaça ao throno de V. M.

PEDRO V.

Luiz de Souza e D. Leonor de Mendonça desejam fallar ao Rei, D. Beatriz, que me esperem, não tardarei em ser com elles.

D. BEATRIZ.

Senhor, é negocio de lesa nação, elles perante o estado querem descobrir o traidor.

MASCARENHAS.

Senhor, mandai-os entrar, ah vêdes que corre risco o vosso throno , a vossa sagrada pessoa e a nação mesmo.

PEDRO V.

Mandai-os entrar.

D. BEATRIZ.

Graças Senhor !

Scena VIII.

Ditos menos D, Beatriz.

PEDRO V.

Que tem Luiz de Souza a dizer a seu rei ?

AVILAR.

Calumnias, e talvez insultos ao vosso servo Antonio de Avilar.

PEDRO V.

Eu o farei calar se a tanto se atrever.

AVILAR.

Luiz de Souza julga-se perdido e vem procurar com um escandalo publico, nos paços reaes, nodorar-me perante vós e o mundo inteiro.

PEDRO V.

De nada deveis receiar, Sr. Avilar. Senhores, ou-

camos Luiz de Souza, o ultimo descendente dos Tavoras, merece as nossas attenções. Um criminoso de lesa nação de lesa magestade deve ser punido, embora a culpa recaia sobre qualquer dos amigos do rei e do estado. Se o culpado for o meu irmão Luiz, elle terá castigo como outro qualquer dos meus irmãos, D. Fernando, D. João, e D. Augusto. Se forem algum de vós senhores, que fieis me tem sido em todas as occasiões e que me tendes exaltado no throno, aonde como moço VELHO tenho sabido fazer justiça, ficai certos, que o castigo será eminente. E vós, meus fieis servidores, que na corte me tendes sido uteis, por certo não entrariéis em tal conspiração, para que vossa patria e o vosso rei vão ser immulados ao frenezi dos revoltosos. De vós, senhor de Mascarenhas, de nada me posso arreceiar. . .

MASCARENHAS.

Derramei o meu sangue por vosso avô, por vossa mai, elle tingio as malhas da minha farda de official, e por vós correrá, se for preciso.

PEDRO V.

Eu o creio piamente, Sr. Mascarenhas e vós Alvaro Gonçalves?

ALVARO.

Quizeram os vossos inimigos chamar-me as armas, a minha espada ainda tinta do sangue delles, de novo se embeberia em seus corpos deitando-os por terra, vencidos e mortos. Oh! quem ousará tal?

PEDRO V.

E vós, Antonio de Avilar ?

AVILAR.

(*Atrapalhado*) Eu fui, sou, e sempre serei fiel
a V. M.

Scena IX.

Ditos, Luiz, D. Leonor e D. Beatriz,

LUIZ.

Mentes, Antonio de Avilar !

PEDRO V.

Luiz de Souza !

LUIZ.

Senhor, quando um refalsado, um traidor, consegue filtrar-se no animo de um rei sabio e magnanimo como Pedro V. é necessario que um Luiz de Souza, voltando de longa prigrinação d'Africa, a onde Antonio de Avilar conseguiu retet-o por dois annos, se apresente á corte, ao conselho de estado, e ao rei e diga em voz alta: Antonio de Avilar, aonde está a tua fidelidade ao rei D. Pedro V. ? Volto a Lisboa, e vós ainda não farto de tantas vilanias, jogastes a vosso bello prazer a honra de uma mulher cujo crime era odiar-vos e não querer esposar-se com tão ruim vilão, e ahi, ainda se vê a vossa fidelidade ? Antonio de Avilar, é tempo de tirar essa mascara que te encobre o

rosto miguelista, e confessá a teu Rei que minas para anarchisares Portugal e lançal-o sobre a cratera de um volcão que deva devorar o Rei e os seus defensores; e isso é ter fidelidade? Serviste-te do ambicioso portuguez Costa Cabral e levaste o facho da revolução ás nossas provincias com o fim de elevar ao throno de D. Maria II o ex-infante D. Miguel! Oh! Srs. quanta somma de fidelidade! Não contente com tão mallogradas tentativas, ainda queres Antonio de Avilar, quando Lisboa luta com a peste, com a desesperação, incutires no povo que só o teu D. Miguel pode salvar a Portugal do perigo que Deus sobre os portuguezes lança, e para que? Oh! por demaziada fidelidade do Rei D. Pedro V? Rei e Senhor, ao vosso lado tendes o assassino do estribeiro-mór, marquez de Lolé, do illustrado Agostinho José Freire, que não recuando ante tantos crimes conspira contra vós, em favor de D. Miguel! Senhores o grande traidor é Antonio de Avilar.

TODOS.

Antonio de Avilar!

PEDRO V.

(*A pé, todos se levantão.*) Antonio de Avilar!

AVILAR.

Senhor, Luiz de Souza, depois das febres enlouqueceu.

PEDRO V.

Que ouço! Luiz de Souza o que dissestes?

LUIZ.

A verdade Senhor : Pedi para chegar até vós com provas que Antonio de Avilar não ousará negal-as.

AVILAR.

É um trama que armas contra mim.

LUIZ.

Sr. Antonio de Avilar, escutai-me. Hoje um dos doentes de febre, na hora da morte, confiou a D. Leonor uma missão bem espinhosa. Era uma carta para vós (*para D. Leonor*). Senhora, José Castello Branco Corte Real, na hora da morte, pediu-vos que entregasse essa carta a Antonio de Avilar, cumpri a vossa tarefa.

D. LEONOR.

(*Apresentando a carta.*) Rei e Senhor eis uma carta de D. Miguel a seu subdito Antonio de Avilar, fiel conspirador.

PEDRO V.

Uma carta de D. Miguel!

D. LEONOR.

Eil-a.

PEDRO V.

Sr. de Mascarenhas, lêde.

MASCARENHAS.

« Antonio de Avilar. Meu fiel vassallo e subdi-

to amado. Acuso a tua carta que o nosso mensageiro Corte Real trouxe, em que dizes a febre amarella assollar Lisboa, levando o povo ao desespero, o qual facilmente te é conduzir para a anarchia, fazendo incutir nas massas que é castigo de Deus contra Pedro V, que reina illegalmente, e a revolução levar-me ao throno que meu irmão roubou de minhas mãos. Em ti confio e nesta data dou ordens aos meus bravos generaes de Santarem, que vos prestem todo auxilio. Elles vivem desconhecidos, esquecidos mesmo, mas a voz da guerra em favor do seu rei, os despertará, e como Cincinato deixarão a charrua para tomar a espada. Aconselho-te que a revolução deve rebentar nos degrãos do throno, como aquella que João Pinto Ribeiro fizera em 1640. Espalharás pelo povo, que esse Salamanca empresario da estrada de ferro é um traidor, que de acordo com Pedro V facilitão os meios para os hespanhoes entrarem em Portugal e formarem a união iberica de que os portuguezes hão de fugir. Sei que Antonio de Avilar de tudo lançará mão, porque elle ja provas me tem dado de grande intelligente. Se for preciso, mata o duque da Terceira, o Saldanha, ou Sá da Bandeira, que o rei não terá defensores iguaes, e não debes trepidar em matal-os, porque já o fizeste ao estribeiro-mór marquez de Lolé e a Agostinho José Freire, ministro de Maria II. Ha vinte annos não tens cançado de trabalhar pelo teu rei e senhor e Deus te corõe os feitos de prodigio que tens praticado em prol da minha causa. Continua com a tua hypocrisia, illude a Pedro V o golpe que deres se-

rã na testa corôada e seus descendentes maternos. Logo que deres o grito de guerra, conta com os miguelistas e com teu rei.--Miguel. »

PEDRO V.

Que tenho ouvido! Antonio de Avilar um traidor!

AVILAR.

Maldição!

LUIZ.

Antonio de Avilar, aonde está a tua fidelidade ao Rei?

AVILAR.

Os demonios te confundão!

PEDRO V.

Sr. duque de Saldanha, que Antonio de Avilar seja preso, como um traidor de lesa-nação e punido como os traidores do estado devem ser.

AVILAR.

Ah! D. Miguel, que o diabo conspira-se contra vós.

PEDRO V.

Serpente que longo tempo conservei a meu lado só esperavas ordens para morderes aquelle que te beneficiava sempre! Prendei-o e que já mais traia a seu Rei e Senhor.

AVILAR.

(Presó.) Viva D. Miguel!

LUIZ.

(*Puxando a espada.*) Desgraçado! (*Todos puxão as espadas.*)

PEDRO V.

Luiz de Souza, deixai esse traidor carpir seus crimes nos fossos dos condemnados. Assassino e traidor! Oh! levai-o... tirai de meus olhos um ente, que me envergonha de o ter tido a meu lado.

AVILAR.

Oh! mandai-me a morte. (*Sae com gendarmes.*)

Scena X.

Ditos menos Avilar que sae preso.

PEDRO V.

Luiz de Souza e D. Leonor de Mendonça, vinde a meus braços! Quanto me é aprasivel fazer justiça! (*Luiz vai curvar-se aos pés do Rei de um lado e D. Leonor do outro.*)- Erguei-vos! Assim como D. João IV apertou contra seus peitos o libertador de Portugal, João Pinto Ribeiro, deixai que Pedro V estreite nos seus o libertador do seu reino, de sua corôa, de sua propria vida.

LUIZ.

Senhor, tanta graça.

PEDRO V.

Oh! é o consolo das fadigas, o socego do espirito.

Antonio de Avilar, sobre quem as leis vão ser rigorosas, deve servir de exemplo a esses poucos miguelistas dispersos como parasitas em Portugal, e vós Luiz de Souza, de hoje em diante occupais o lugar vago pelo traidor do estado, que occupa nos carceres do Limoeiro o lugar que ha muito devia estar preenchendo.

LUIZ.

Senhor ! . . .

PEDRO V.

D. Leonor, o conselho tem de resolver, e o Sr. duque da Terceira, será o portador do pedido que mandarei fazer ao principe de Hohunzollern da mão de sua filha, a princeza D. Stephania para rainha de Portugal, e vos não deveis furtar, como Dama de Honor que ja fostes de minha mãe, de acceitardes o mesmo cargo junto de nossa futura rainha.

D. LEONOR.

El-rei accumula-me de tantos favores.

PEDRO V.

Não é favor, D. Leonor, é justiça. (*Para D. Beatriz*) D. Beatriz, vós que sois o anjo da guarda deste paço, vinde ao vosso rei, elle vos quer offerrecer um lugar junto á rainha.

D. BEATRIZ.

Ah ! Senhor, desculpai-me . . . não o posso acceitar,

PEDRO V.

Que dizeis?

D. BEATRIZ.

Hoje mesmo recolho-me ao claustro.

PEDRO V.

D. Beatriz noviça! Tão bella e tão jovem, occulta de todos!

D. BEATRIZ.

Fiz o voto Sr., de que, se a vossa pessoa sabbisse incolume dos tramas de Antonio de Avilar contra V. M. ir orar nos degrãos do altar pelo meu soberano.

PEDRO V.

Sim, D. Beatriz, orai. (*Para Mascarenhas.*) Sr. de Mascarenhas, apresentai a carta de D. Miguel aos juizes de Antonio de Avilar. (*Para Saldanha.*) E a vós, general, entrego o cumprimento do castigo que for imposto ao traidor.

LUIZ.

Viva D. Pedro V.

TODOS.

Viva! Viva!

PEDRO V.

Senhores, espero na minha ante camara a decisão do conselho de estado,

TODOS.

Viva Pedro V! Viva! Viva!

(Pedro V vai saindo e a corte, Leonor abraça-se com Luiz de Souza e Beatriz chora nos braços de seu pai Mascarenhas. Cai o panno.)

FIM DO 4º ACTO.

ACTO QUINTO.

A MORTE.

Sala regia no palacio das Necessidades em Lisboa, tendo no fundo grande e espaçosa porta, que deita para o quarto do rei, tendo cahido um reposteiro com as armas reaes. São 7 horas da noite, a sala é aclareada por frouxas luzes de alguns brandões de cera. Adornam a sala grandes poltronas e mesas com serpeutinas.

Scena I.

Alvaro entrando e o Nuncio.

ALVARO.

(*Da esquerda.*) Vinde, Sr. Nuncio, El-rei pouco pode durar. Fostes chamado para a salvação de sua alma, porque elle não quer morrer mouro. Portugal, quanto perdes com a morte deste soberano, amado de todos os seus subditos? Terrível fatalidade! O rei D. Fernando II não quizera que seus filhos fossem, nesta estação doentia, ao Alentejo, mas El-rei assim pretendia aliviar as suas e as saudades que seus irmãos tinham da augusta princeza sua irmã, D. Antonia, destraindo-se com esta viagem, obteve de seu pai a previa licença para seus irmãos, e com elles se foi deixando pezaroso o seu estremoso pai. O coração paterno adivinhava esta catastrophe, porque o Alentejo é muito do-

entio neste tempo, sobre tudo Condeja, Ponte de Sor e Venda-nova. Sabeis, Sr. Nuncio, que no dia 6 deste mez fatal, sepultou-se o infante D. Fernando e S. M. que se achava quazi restabelecido, de então recahio terrivelmente! Attribuiu a si a morte de seu infeliz irmão e accusa-se de cumplice de ter matado seu irmão, levando-o para distrair-se das crueis saudades que a partida de sua irmã deixára em seus corações.

VOZES DO POVO.

(*Fóra.*) Misericordia! Salve Deus a El-rei!

ALVARO.

Pobre povo! S. M. peiora cada vez mais, e elles ainda nutrem esperanças, entrai, Sr. Nuncio, que o Sr. marquez de Ficalho vos apresentará a El-rei. (*O Nuncio entra pelo fundo.*)

Scena II.

Alvaro e Mulheres.

1ª MULHER

Como vai o nosso Rei? O nosso bemfeitor! O pai dos pobres?

ALVARO.

Mal, oh! muito mal!

2ª MULHER.

Misericordia! (*Benze abençoando a porta do quarta do Rei.*) Deus te salve, Senhor.

ALVARO.

Senhoras, ide implorar a Deus pelo nosso amado Rei, pela salvação do nosso soberano.

1ª MULHER

Deus poderoso, salvai o melhor dos Reis. (*Saem pelo lado opposto.*)

Scena III.

Alvaro e Mascarenhas.

MASCARENHAS.

O Nuncio pouco terá de ouvir daquella boca innocente.

ALVARO.

Como vai El-rei?

MASCARENHAS.

Os medicos abandonaram o doente aos recursos da propria natureza. Que calamidade, Sr. Alvaro-Gonçalves, para este infeliz Portugal! O conselhe ordenou-me de prevenir ao rei D. Fernando, do que elle tomará as redeas da regencia, se o destino tiver marcado a D. Pedro V o final da vida, Se tão grande desgraça succeder, terá de reger-nos de novo o Sr. D. Fernando que tanto tem soffrido estes dias. O conselho de estado, tinha nomeado regentes, mas os nomeados veem depôr nas mãos do Rei pai, tão honrosa missão. O Rei D. Fernando tem dado tantas provas de amor à terra

de seus filhos, que só a elle cumpre nos governar, se a morte fizer a D. Luiz, duque do Porto, Rei de Portugal.

ALVARO.

O Alentejo já deu a morte a infeliz rainha D. Stefania, que deixou inconsolavel seu esposo, D. Pedro V. o infante D. Fernando no dia 6 pagou o tributo a que estamos sujeitos e com 15 annos, 3 mezes e 14 dias baixou ao tumulo! D. Augusto nos paços de Belem luta com a enfermidade que trouxe do Alentejo e o nosso amado Rei às portas da morte consterna a nação, que magoada está vendo definhar o seu illustre soberano, sem poder salvá-lo! Tendes ouvido, Sr. Mascarenhas, alguns mal intencionados, accuzarem a D. José Salamanca, empresario da estrada de ferro, rico hespanhol entre nós estabelecido, de envenenador da familia real; mas isso não passa de um perfido que pretende malquistar Portugal com a Hespanha, e se Antonio de Avilar não tivesse morrido nas prizões, eu julgaria obra sua. O povo desconfia que em Santarem El-Rei fosse victima de alguma traição, mas o que os leva a isso é a prevenção em que está, contra a união iberica.

MASCARENHAS.

Que mez fatal para Portugal! Em 1853 a 15 de Novembro fallecêra a nossa amada rainha D. Maria II, e oito annos depois, o infante D. Fernando e El-rei talvez!

Scena IV.

Ditos e Homens do povo (da esquerda).

1º HOMEM.

Como vai El-rei?

MASCARENHAS.

A peor!

2º HOMEM.

Malditos hespanhoes! Envenenarem a El-rei, que na febre amarella soccorreu-me no meio da rua!

1º HOMEM..

Já o infante D. Fernando habita em S. Vicente de fora.

2º HOMEM.

D. Augusto em Belem está mais morto do que vivo.

ALVARO.

Meus amigos, os medicos receitaram sucego e descanso a el-rei, não facais barulho.

Povo.

Silencio! Silencio!

MASCARENHAS:

Conspirais-vos contra os hespanhoes sem rasão; não lestes o exame feito no cadáver do infante D. Fernando?

1º HOMEM.

Querem dar escapula aos hespanhoes, criminosos talvez.

2º HOMEM.

Illudem o povo; tem medo de ver estrangulada a raça de Castella.

MASCARENHASS.

Ide antes invocar a Deus pela salvação de El-rei.

2º HOMEM.

A vida de El-rei está pirigosa?

ALVARO.

Oh ! Só o Todo-Poderoso o pode salvar.

Povo.

Misericordia Senhor ! Misericordia para o rei de Portugal (*saem pelo lado oposto*).

Scena V.

Alvaro e Mascarenhas.

MASCARENHAS.

Os portuguezes não querem ouvir falla na união iberica, e como, se elles são indomaveis contra a Hespanha ! Sr. Alvaro Gonçalves que deixa criminalar a D. José Salamanca, na opinião popular, é ter sido só a familia real victima de sua viagem.

ALVARO.

Sr. Mascarenhas, acompanhei a El-rei nessa jornada maldita, e muitas vezes observei aos augustos viajantes que elles não se poupavão ao sol e a chuva! Quando regressavamos debaixo de um grande aguaceiro, tiverão os viajantes de parar á chuva, duas horas, por que o carro real partira-se e o concerto durou muito para se concluir. Quando chegaram a Santarem, os Srs. infantes sentiam-se incommodados, e o proprio rei não estava bom.

MASCARENHAS.

Infeliz jovem!

Scena VI.

Alvaro, Mascarenhas e Luiz.

LUIZ.

(Vindo do fundo) Oh! quem o salvará? *(sentase em uma pultroda a chorar.)*

ALVARO.

Como o deixastes, Sr. Luiz de Souza?

LUIZ.

Em luta com a morte. Sabeis o que elle discera ao Sr. marquez de Ficalho que tem assisfido a sua cruel enfermidade? Meu amigo, um rei tão jovem e tão corajoso é o primeiro que tenho visto! Dizia-lhe o illustre marquez: « Senhor, haveis de escapar da morte. » O rei no leito de dores nada responde ao velho general, tão convicto está de

que não pode escapar! Como a sua coragem é da tempera dos seus maiores! « Meu querido marquez, disse El-rei, tem-me Vmc. dado tantas provas de amigo, que me animo a pedir-lhe um favor, triste sim, mas de que eu devo carecer muito breve. Minha mãe e minha Stephanía que rem-me para junto dellas. Presinto no coração o seu chamamento e eu devo ir para onde ellas estão. »

MASCARENHAS.

(*Chorando!*) Terrível presentimento!

LUIZ.

(*Enxugando os olhos*) O real enfermo continua: « Quando, meu querido marquez, eu estiver em perigo de vida e deva receber os sacramentos, diga-me: não receie assustar-me, porque a morte não me custa. E' este o favor que lhe peço. O meu querido marquez é muito meu amigo, e muito christão para se negar a isto. » O marquez de Ficalho teve de occultar o rosto, porque as lagrimas corrião dos olhos desse general, que acostumado a ver morrer no fogo dos combates centos de homens, admira ver succumbir com tanta coragem um jovem rei! Deixei o Nuncio a ouvir do nosso soberano a ultima confissão. El-rei estava resignado, quando S. Eminencia entrou! Corta o coração, meus amigos, ver murchar e cair no tumulto uma existencia tão curta e cheia de benções de um povo! Oh! infeliz Rei de Portugal!

MASCARENHAS.

Seus actos demonstrarão aos seus successores como deve proceder um rei constitucional que com talento sempre ha curado da liberdade do povo.

LUIZ.

Derramando graças, fazendo justiça, beneficiando a todos, D. Pedro V foi pelo seu povo chamado o monarcha *esperançoso*, pelos dotes com que a natureza o enriquecêra e a educação que de seus pais recebera, no que o povo via toda a esperança de felicidade para Portugal. Um anno depois de sua coroação, o colera morbus devastando Portugal, o povo alcunhára o seu rei de *infeliz* ! Em 1857 veio a febre amarella fazer milhares de victimas em Lisboa, e o terror chegou à consternação, e tão grande perigo o rei então *infeliz* afrontava sem receio reanimando o povo. Um anno depois um tremor de terra conservou os habitantes de Lisboa, aterrorizados, pelos exemplos infelizes que tem dado esta cidade em os terremotos ! Não foram estes os unicos infortunios do Rei *infeliz*. Casou-se em 1858 com a muito amada princeza D. Stephanía, e com bem pezar vio em pouco tempo trocar-se os risos nupciaes, pelos cyprestes do tumulo ; a 17 de Julho de 1859 passou pela infausta dôr de vêr morrer sua extremosa consorte !

ALVARO.

Luiz de Souza, essa dôr foi realmente grande para tão jovem coração, como o de D. Pedro V.

LUIZ.

Com tudo, mostrou-se resignado, embora seu coração continuadamente gotejasse pelas sicastrizes feitas com a perda de sua amada Stephania. Desvelado e amigo do povo, e lhano para com elle, foi appellidado então o Rei *popular*. Hoje o monarcha, que a morte tenta arrebatá-los, pendido para a cova, como a flôr para a terra o povo cogno-mina Rei *muito amado*.

MASCARENHAS.

Amado será sempre.

LUIZ.

Eu o chamei moço velho; nasceu para morrer como as flores, com pouca duração e muito brilho. Nós o vimos no ultimo cortejo de seus annos, apresentar-se com as condecorações que o povo lhe deu e que prazer não foi ver essas condecorações no peito real? A par da medalha da camara municipal de Lisboa, via-se a da sociedade Humanitaria do Porto, ambas adquiridas pelos relevantes serviços feitos aos desvallidos, aos necessitados.

ALVARO.

Chega o infeliz pai!

Scena VII.

Ditos e D. Fernando.

D. FERNANDO.

Chorai, meus amigos, o vosso soberano exem-

plar modello de virtudes (*chorando*). Oh! quanto me custa vê-lo morrer na flôr dos annos! na primavera da vida! Em poucos dias perder dois filhos! Oh! isto é matar-me! (*Senta-se.*)

LUIZ.

As vossas lagrimas são arrancadas pela dôr paterna. Sois um pai extremoso a vossa dôr deve ser immensa.

D. FERNANDO.

Sr. Mascarenhas, podeis dizer ao conselho de estado e a regencia nomeiada, que se altos decretos da Providencia tiver determinado que, o meu muito amado filho D. Pedro V suba à mansão dos justos que em amor a sua memoria, ao povo que em mim tem confiança, e ao conselho que me nomeia, acceitarei a regencia até que o legitimo Rei aporte a Lisboa. É com a mais pungente dôr que receberei as redeas da regencia, e já que assim querem, serei mais uma vez regente, com a desgraça e a desesperação no coração.

MASCARENHAS.

Eu vos obedeço. (*Sae.*)

Scena VIII.

Ditos menos **Mascarenhas,**

D. FERNANDO.

Alvaro Gonçalves trouxe-me novas do meu Au-

gusto... oh! em Belem deve estar entregue aos medicos e aos amigos.

ALVARO.

Trar-vos-hei novas do Sr. infante.

Scena IX.

D. Fernando e Luiz.

D. FERNANDO.

Sr. Luiz de Souza, quanto é penoso a um pai que considerava feliz em dar a um throno de tantos heroes um Rei digno de tão magnanima nação, ver cortar essa existencia, quando ella mal desabrocha, na primavera da vida! Meu Deus! Este coração, adevinhava o mal que o destino lhe preparava; quiz prevenil-o e não pude remedial-o!

LUIZ.

Tendes, Senhor, passado dias de verdadeiro infortunio! Amargos instantes são estes em que o nosso amado monarcha corre perigo. Em S. Vicente de Fora tendes levantado mausoleos a vossa infeliz esposa, minha amada Rainha, D. Maria II, a esposa de vosso filho D. Pedro V, D. Stephanie, e ao infante D. Fernando e permita Deus que o de D. Pedro V se não erga entre esses. Oh! acreditai que os portuguezes trazem partidas as fibras todas do coração! O povo sabe de que entre El-rei e o Dr. Simas, triste dia hoje houvera, e que o Dr. dissera que se El-rei dormisse que estava salvo.

D. FERNANDO.

Oh! cortava-me o coração ouvir a meu filho justificar ao medico a necessidade da sua morte.

LUIZ.

A seu podido o nuncio ouve a sua confissão.

D. FERNANDO.

Ah! quanto me custa a vida!

LUIZ.

Resignai-vos, Senhor.

D. FERNANDO.

Luiz eu ainda estou ouvindo a meu filho dizer: « Perdi minha amada mai, e a prematura morte de minha virtuosa rainha a Sr.^a. D. Stefania, a morte de meu irmão o infante D. Fernando, tudo me anima a deixar o mundo. Quando procurava distrair meus irmãos, pela separação de uma irman, Antonia de todos querida, fui abrir-lhes a sepultura! Quiz suffocar uma saudade, abri um tumulo! Devo morrer, Dr., por que não posso corresponder ao fim do meu destino official. Sou obrigado a concorrer para a felicidade de todos, e levo comigo a infelicidade para todos que me são proximo. » Oh! eu desprezo a vida! (*Chora*) Como corre este pranto magoado de meus olhos cançados de chorar! São lagrimas de saudades derramadas pela desgraça! Neste peito abrigo o maior de todos os infortunios, de todos os soffrimentos, o mais pungente, que me dilacera a alma e de todos os que hei

soffrido o que mais me tem torturado o coração. Meu amado filho á morte! D. Pedro V nos ultimos instantes! (*De joelhos.*) Oh! Deus de misericordia! Deus de bondade, não é um rei que vos pede a vida de outro rei, é um pai que vos implora a a salvação do mais amado de seus filhos, do seu Pedro, de D. Pedro V.

Luiz.

(*Para o rei.*) Senhor, resignai-vos e enxugai vosso pranto... resignai-vos... lembrai-vos que os portuguezes vos amão e convosco carpem a perda que vai enlutar a nação. As igrejas estam cheias de povo que assustado corre a pedir a Deus, para que conserve a vida ao seu muito amado rei. O clero não cessa de com suas preces ao creador, invocar a Sua Divina Misericordia em salvação do Sr. D Pedro V. E não será um consolo para um pai, embora triste consolo seja, ver que seu filho é chorado por todos? A consternação derrama-se por toda a parte! Os telegraphos tem levado a triste nova, do estado em que o nosso rei amado se acha e da morte do Snr. infante D. Fernando não só por todo o Portugal, como pela Europa, e já espera-se o Snr. Duque do Porto D. Luiz.

Scena X.

Ditos e Alvaro.

ALVARO.

Noticias de S. A. o Sr. infante D. Augusto, vin-

das de Belem não são desanimadoras, S. A. vai melhorando lentamente.

D. FERNANDO.

Ah! e o meu Pedro?

Scena XI.

Ditos D. Leonor, fidatgos e creados.

D. LEONOR

Senhor! Correi! . . . vinde . . . vinde receber nos vossos braços os ultimos suspiros do vosso amado filho.

D. FERNANDO.

Meu Deus! (*cae na poltrona.*)

LUIZ.

Coragem, Senhor, são altos decretos de Deus, conformai-vos com elles.

D. LEONOR.

Vinde, Sr., elle chama a seu pai, e a seu irmão o Sr. duque de Beja D. João, de volta a Portugal.

D. FERNANDO.

D. Luiz e D. João, meus amados filhos forão levar sua querida irmã D. Antonia e seu esposo o príncipe Leopoldo de Hohunzollern Segmaringem, de la forão á Prussia assistir à coroação do rei

Guilherme, e deverão estar de volta a França. Com esta infausta noticia SS. AA. devem regressar quanto antes á patria para verem seu irmão o rei.

Scena XII.

Ditos e Mascarenhas.

MASCARENHAS.

Senhor, o conselho de estado sciente da vossa resolução, feliz se considera com o regente que dão a Portugal.

D. FERNANDO.

Eu bem quizêra felicitar a todos e a nação, mas não posso.

D. LEONOR.

Senhor, vosso filho...

D. FERNANDO.

(Erguendo-se.) Meu filho!... Meu amado filho!... oh! teu pai... teu infeliz pai... corre a morrer comtigo... *(Vai cambaleando e convulso, sai com D. Leonor.)*

Scena XIII.

**Luiz, Mascarenhas, Alvaro, Fidalgos,
e creados.**

MASCARENHAS. .

Que dolorosos momentos para um pai!

LUIZ.

Morrer quem a morte não déra em seu reinado ;
 Morrer um rei tão jovem e tam amado do seu po-
 vo, que seu punho não assignava a pena ultima !
 Oh ! custa muito vêr morrer quem nunca morrer
 devia. Portugal enluta-te, o teu rei vai baixar á se-
 pultura ! Má sorte te persegue, desditoso Portu-
 gal . . . ouvis Srs. ? (*ouve-se no fundo cantar o me-
 mento.*) São as rezas dos moribundos ! . . . D. Pe-
 dro V já não deve viver !

Scena XIV.

Ditos e D, Beatriz,

D. BEATRIZ.

(*Vestida de freira.*) Meu pai ! Oh ! aonde está
 El-rei !

MASCARENHAS.

Supponho que seu corpo ali . . . e sua alma no
 céu . . .

D. BEATRIZ.

Meu Deus, dai-me coragem (*entra pelo fundo*).

MASCARENHAS.

Senhores, o povo se apinha na ante sala ancioso
 por ter novas do seu rei . . .

5 PE 67

Typographia do ruas.

RUA DA PILEMA Nº 7, MARANHÃO.

NO PRELO

Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V.
e descripção das exequias feitas em Maranhão

A BONADIXA.

Comedia em 4 actos por *F. G. Sabbas da Costa.*

Garibaldi, ou o seu primeiro amor.

Drama em 3 actos por *Dito.*

À VENDA.

D. Pedro V. ou o moço velho.

Drama em 3 actos, por *Dito.*

O LIVRO DO POVO.

contendo:—Vida de N. S. Jesus—Christo.—O Vigario.—O Professor primario.—Bon Romem Ricardo.—Moral Pratica.—Maximas e Sentenças.—Sinoio de Nantua.—Da Hygiene.—Deveres dos Meninos.—O Brazil. Vende-se nesta typ. e no escriptorio do Sr. Joaquim Marques Rodrigues, rua da Estrella, por 320 rs. em broxura e 640 rs. cartonado.

Manual do Plantador d'Algodão.

por TURNER. Traducção dos Drs. Jauffret e Marques Rodrigues. Preço 6\$000 em broxura.

Diccionario de Flores

200 reis

Cathecismo pequeno.

100 reis.

Cartas de A, B, C.

120 reis

Taboadas.

120 reis.



1
A

P